

ISTO É

Edição 24 - 20/2/26

FORÇA LATINA

Protagonista de uma apresentação bombástica no Super Bowl, o porto-riquenho Bad Bunny mostra aos brasileiros por que é um dos nomes mais importantes da música pop atual

*O cantor na
Argentina,
em show antes
de vir ao Brasil*



Capa

Página

35



CARLOS BARRIA/REUTERS

Popularidade de Bad Bunny explodiu após show do Super Bowl

Índice

CAPA: FOTO DE TOMAS CUESTA/REUTERS

3 ENTREVISTA

6 BRASIL

13 ECONOMIA

18 INTERNACIONAL

21 TECNOLOGIA

22 SAÚDE

23 GENTE

26 ESPORTE

31 ESTILO DE VIDA

35 ENTRETENIMENTO

40 MEMÓRIA

42 O MELHOR DAS REDES

43 PALAVRA POR PALAVRA



MARCO TERRANOVA/RIOTUR

Escola de samba representa Lula e Bolsonaro



DIVULGAÇÃO

Virginia Cavendish se prepara para doutorado



MARK BLINCH/REUTERS

Robert Duvall morreu aos 95 anos

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL

Daniel Hessel Teich

ISTOÉ

EDITORA EXECUTIVA

Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE

Alexandre Akermann

DESIGNER

Mayara Novais

DIRETOR COMERCIAL

Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br

Instagram

@revistaistoe

YouTube

m.youtube.com/@revistaISTOÉ

X

@revistaISTOÉ

TikTok

@revistaistoe

LinkedIn

https://linkedin.com/company/istoe/

Redação e correspondência

Rua Iguatemi, 192, 18º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos.

A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)

Hartung: “O desperdício no setor público brasileiro é brutal, em todas as áreas”



LEONARDO MONTEIRO

Brasil precisa superar “armadilha do populismo”

O economista Paulo Hartung (PSD), ex-governador do Espírito Santo, espera que o país evolua do ciclo populista para um de novas lideranças

O Brasil precisa “dar um passo à frente e sair da armadilha do populismo” após a conclusão do terceiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). A afirmação é de Paulo Hartung (PSD), ex-governador do Espírito Santo. O economista – e hoje presidente da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá) – defendeu que a organização das contas públicas do país depende de uma “liderança disposta” a fazer reformas impopulares. Apesar das críticas ao “ciclo de populismo” da política brasileira, Hartung apontou

novas lideranças capazes de promover a superação desse modelo ao chegar à presidência “em 2026 ou 2030”. Mais à esquerda, foram citados o ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), o governador do Piauí, Rafael Fonteles (PT), e o prefeito do Recife, João Campos (PSB). No outro espectro, ele menciona o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e os governadores Ratinho Júnior (PR), Ronaldo Caiado (GO) e Eduardo Leite (RS), todos do PSD.

Leonardo Rodrigues

O terceiro governo Lula tem números positivos na redução da pobreza e negativos nas contas públicas. Como romper essa aparente dicotomia?

Cunhei uma frase que, de certa forma, caminha na direção desta resposta: “Só cuida das pessoas quem cuida das contas”. Não adianta fazer um ciclo de desenvolvimento artificial, aquilo que nós economistas chamamos de voo de galinha, porque pode ser até que você não pague a conta, mas o governo sucessor e o povo vão pagar. Por isso, nós precisamos sair desse populismo prolongado que estamos vivendo. O populismo gosta muito de falar nos pobres, mas os erros de política econômica geram uma conta a ser paga justamente pela população mais pobre, como mostram eventos do passado brasileiro. Mesmo com crescimento de receita, a carga tributária brasileira teve um aumento superior à inflação [em 2025] e a dívida-PIB cresce na direção de chegar aos 80% de tudo que o país produz. Quando você desorganiza as expectativas na economia, há efeitos colaterais. Um deles é a taxa Selic em 15%, o que só se vê no mundo na Ucrânia, um país que foi invadido pela Rússia e está em guerra. Dizem que isso é sentido apenas pelo grande empresário, mas não é verdade: a dona de casa, quando resolve trocar o fogão de casa, está pagando essa taxa de juros ao ter de pagar dois fogões e meio [em juros sobre o parcelamento]. É necessário cortar desperdícios na máquina pública. No meu último ciclo como governador [de 2015 a 2018], enfrentei uma recessão brutal, a maior redução da atividade econômica da história do país. Eu implantei dois programas, chamados Escola Viva e Regime de Colaboração, e onde arranjei dinheiro para isso? No desperdício da própria Secretaria de Educação. O desperdício no setor público brasileiro é brutal, em todas as áreas. Muita gente fala que cortar gastos públicos atinge os programas sociais, mas na realidade é o contrário: se você corta um gasto, viabiliza recursos para melhorar um programa de transferência de renda, por exemplo. Na vida, há o caminho fácil e o caminho certo. O Brasil, reiteradamente, tem escolhido o caminho fácil.

Os governos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e os dois primeiros do presidente Lula promoveram desenvolvimento social e responsabilidade fiscal de forma equilibrada, mas houve uma ruptura nas gestões seguintes. Por que o Brasil retrocedeu neste sentido?

Se estamos em um regime presidencialista, precisamos que nosso líder maior ajude a conduzir o país nesta direção. Fernando Henrique criou a Lei de Responsabilidade Fiscal [em 2000], eu era senador na época, votei e ajudei na tramitação. O [Michel] Temer, quando chegou [à presidência da República, em 2016], com a desorganização fiscal do país, fez o teto de gastos. Você pode discutir essas ferramentas, mas ambas entregaram resultado. Quando há uma liderança no Executivo disposta a organizar essas questões, consegue apoio no Parlamento, na Justiça, na sociedade, no Ministério Público, nas outras instituições de governo. Isso depende muito do líder. Nós estamos dentro de um ciclo populista — não começou com o atual governo; vamos ser honestos intelectualmente, estamos num ciclo. Nós dependemos muito da liderança. A sociedade brasileira tem maturidade para isso [reformas fiscais]? Claro que tem. Se você tiver um líder conversando, explicando, convencendo. É por isso que eu torço para a evolução desse ciclo populista para um ciclo de novas lideranças. Em 2018, não havia [novas lideranças], mas hoje há. Quando você olha para os governos subnacionais, tem muita gente qualificada e que deseja ser presidente da República, agora ou em um futuro próximo. É trabalhar para que o país dê um passo à frente e saia dessa armadilha do populismo.

Quem são essas lideranças?

É um grupo diverso. No Rio Grande do Sul, tem o governador Eduardo Leite, que é um belo líder. No Ministério da Fazenda, o [Fernando] Haddad é promissor para o país. Em São Paulo, o Tarcísio [de Freitas], um técnico que está fazendo um bom governo, mas no Piauí, há um governador inovador [Rafael Fonteles], que é do PT. No Paraná, o Ratinho [Júnior] está no segundo mandato e faz uma belíssima administração, de muito impacto. O governador



REPRODUÇÃO

de Goiás [Ronaldo Caiado], um parlamentar vivo, faz um bom trabalho. Nas prefeituras municipais, você tem um Eduardo Paes [do PSD, prefeito do Rio de Janeiro], indiscutivelmente um bom gestor, capaz de executar as coisas, e em Pernambuco, o João [Campos, do PSB] na prefeitura do Recife, e ainda a Raquel [Lyra, do PSD] no governo. Todos são bons quadros, qualificados e de diferentes posições ideológicas. É uma nova geração que vai presidir o Brasil a partir deste ano ou a partir de 2030. Temos um agronegócio que entrega muito para o país, assim como o setor de minerais e o de combustíveis fósseis, com 3,8 milhões de barris sendo produzidos diariamente; o setor de árvores cultivadas movimentou R\$ 15 bilhões em 2025. O Brasil tem o que ninguém tem. Se as lideranças que estão emergindo conseguirem romper esse ciclo populista, teremos condições de aproveitar as oportunidades que o mundo nos apresenta.

No governo, o senhor enfrentou um motim da Polícia Militar e teve uma reação proporcional, determinando punições e se opondo à anistia. Parte desses governadores citados apoia a anistia a condenados por uma tentativa de golpe de Estado para não arriscar o apoio de Bolsonaro. Falta a esses políticos coragem para assumir posições corretas, ainda que impopulares?

Todos eles, ao longo de seus anos de governo, enfrentaram problemas e têm treinamento para isso [tomar decisões impopulares]. Um líder precisa, acima de tudo, ter boa capacidade de comunicação. No governo Temer, a retomada da discussão da reforma da previdência [aprovada em 2019] só aconteceu porque se encontrou uma narrativa. O governo mostrou que havia desperdício e as pesquisas mostraram que, pouco a pouco, os brasileiros foram aprovando. Vamos pegar o exemplo do Eduardo [Leite]. Ele é o primeiro governador

reeleito do Rio Grande do Sul, depois de promover reformas que não parecia que os gaúchos aceitariam. Houve movimentos contrários, mas ele conseguiu aprovação na Assembleia [Legislativa] e reestruturou muita coisa no estado dialogando e defendendo. A batalha principal é a da comunicação.

O governo Lula registrou recordes de queimadas na Amazônia e pressionou o Ibama para explorar a Margem Equatorial. Quais são as credenciais da gestão para ostentar as bandeiras da boa política ambiental, como fez na COP30?

A legislação [ambiental] pode ser aperfeiçoada. Não vejo problema nenhum quanto a isso e não há razão para precipitação. A gente tem de olhar a ciência — ou a gente acredita na ciência, ou usa a ciência para fazer política, e isso não vale a pena. O governo [Lula] tem pontos positivos na área de meio ambiente? Tem, indiscutivelmente. Tem problemas? Tem. A devastação ambiental tem um tamanho no Brasil que ainda desafia o governo, [que] mesmo tendo tecnologia e agências, não está dando conta do recado 100%. Mas eu não tiro o mérito. O que nós precisamos pensar é onde foi parar essa agenda no mundo. Isso me preocupa mais. Um amigo meu, falando da COP30, disse: “Parece que é uma coisa que aconteceu há três anos atrás”. Parece que saiu da agenda, e essa é uma preocupação. O mundo vinha numa cadência de fortalecer a agenda ambiental, climática, da biodiversidade e que trata da desertificação, e em algum momento essa agenda perdeu força. É o trumpismo [movimento do governo Donald Trump, dos Estados Unidos], mas não é só isso. Tem de olhar isso, porque nós precisamos ter engenho e arte para trazê-la de volta. Ela é inescapável, na minha opinião. Nós planejamos temo de enfrentá-la.

O PSD tem três pré-candidatos à presidência da República e ligações tanto com Lula quanto com Bolsonaro. Qual será seu papel no partido nas eleições de 2026? Será candidato a algum cargo?

O Gilberto Kassab [presidente do PSD] me convida a entrar no partido



REPRODUÇÃO

desde a fundação. Neste último convite [que foi aceito], ele me pediu para ajudar no trabalho programático do partido. O PSD está sendo craque em juntar gente, mas precisa construir uma linha programática forte para pensar o Brasil de hoje e do futuro. Desde que a legislação proibiu coligações proporcionais e criou a cláusula de desempenho [em 2017], o número de partidos está diminuindo. Isso é bom e impõe que cada um deles se esforce para ser programático e formar novas lideranças — que foi o segundo pedido que o Kassab me fez. Estou cumprindo esta missão. Não descarto disputar uma nova eleição, mas também posso continuar trabalhando no campo das ideias ou atuar como cabo eleitoral no meu estado, ajudando jovens a chegarem na Assembleia Legislativa, na Câmara dos Deputados, no Senado ou governo. Meu tempo [para definir a candidatura a algum cargo político] é diferente, porque estou na iniciativa privada [preside a Indústria Brasileira de Árvores, Ibá, uma

associação que representa institucionalmente a cadeia produtiva de árvores cultivadas, do campo à indústria, o que envolve empresas de celulose, papel, painéis de madeira, pisos laminados e biomassa] e não preciso me desincompatibilizar. Ele vai de 20 de julho a 5 de agosto [período das convenções partidárias], quando terei de decidir se coloco o barco para navegar ou se sigo trabalhando no campo das ideias, porque nunca vou deixar a política, mesmo sem disputar mandato eletivo. Entre julho e agosto, tomarei essa última decisão. Mas me sinto muito feliz. Disputei oito eleições na vida e exerci oito mandatos. Só não consegui ser presidente da República ou vice-presidente — o que seria até mais compatível para um líder de um estado com um eleitorado pequeno, como é caso do Espírito Santo. O mais importante é seguir contribuindo para que o Brasil consiga evoluir, parar de repetir erros e transformar seu potencial em oportunidade para os seus filhos, principalmente os mais jovens. **E**



RICARDO STUCKERT

O Carnaval de Lula

Petista se vê em encruzilhada entre TSE, evangélicos e rebaixamento da Acadêmicos de Niterói que o homenageou na Sapucaí

João Vitor Revedilho e Leonardo Rodrigues

A Marquês de Sapucaí estava lotada na noite do domingo, 15, para um dos desfiles mais esperados do Carnaval carioca. A Acadêmicos de Niterói passava pela Praça da Apoteose no Grupo Especial pela primeira vez em sua história. Do camarote, uma pessoa acompanhava cada detalhe do desfile, atentamente, mas com ares de preocupação. Era o homenageado, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Dias antes do desfile, o corre-corre tomou conta da agremiação fluminense. A possibilidade do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) entender o enredo como crime eleitoral acendeu o alerta na cúpula da escola. A liberação, na semana do evento, deu ares de alívio por um lado, mas alerta máximo para o Palácio do Planalto, que ouviu a bre-

cha de possibilidade para novas apurações após a apresentação. De quebra, o governo passou a agir nos bastidores. Proibiu ministros de participarem e conseguiu tirar a primeira-dama Janja da Silva do último carro alegórico horas antes do desfile.

Logo nos primeiros minutos na avenida, a agremiação representou os ex-presidentes Michel Temer (MDB) e Jair Bolsonaro (PL) na comissão de frente. Temer foi retratado roubando a faixa presidencial de Dilma Rousseff (PT), enquanto Bolsonaro foi interpretado como um palhaço. As críticas políticas se sucederam durante todo o desfile, como a alegoria em que retrata o Bozo — palhaço norte-americano que é usado por detratores como apelido para Bolsonaro — preso e com a

tornozoleira eletrônica danificada, remetendo ao motivo que o levou para a prisão em novembro do ano passado.

Nas fantasias, a escola investiu na propaganda do petista. Entre as alas, estavam uma que exibia estrelas (símbolo do PT) e outras voltadas a temas como soberania nacional e fim da escala 6x1. Outro ponto que gerou discussão foi o samba-enredo, que rememora o jingle histórico de 1989 na frase “Olê, ôle, ôle, olá, Lula, Lula”.

O desfile foi alvo da oposição, que aposta na tese de propaganda antecipada para tentar barrar a candidatura de Lula no TSE. Pré-candidato à presidência, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) é um dos que prometeu recorrer à Corte eleitoral. O partido Novo é outro que deve acionar o tribunal. A

tese pode ser válida, de acordo com especialistas, que entendem poder haver propaganda antecipada no desfile.

“É possível considerar o desfile como propaganda eleitoral antecipada. O desfile ultrapassou a exaltação cultural: teve tom panfletário, críticas a adversários e cânticos típicos de campanha, com palavras que o TSE enquadra como ‘mágicas’ para caracterizar propaganda antecipada”, disse Luiz Eugênio Scarpino, professor e advogado especialista em Direito Eleitoral.

Na mesma linha, Marina Almeida Moraes, presidente da Comissão de Direito Eleitoral da OAB-GO (Ordem dos Advogados do Brasil), afirmou à IstoÉ que a “menção ao número de urna e a utilização de elementos do jingle tradicional do candidato são tradicionalmente entendidos como formas de propaganda extemporânea” pela Justiça Eleitoral. Arthur Rollo, professor da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, concordou. “Essas comparações entre os personagens do samba-enredo [o presidente e opositores] denotam, ao meu juízo, propaganda antecipada, uma vez que sugerem ao eleitor que Lula é o mais capacitado na eleição de 2026”, declarou.

Outro fator que coloca o desfile em suspeição é o fato de Lula ter comparecido à Sapucaí. Ele chegou a descer para cumprimentar os componentes de ao menos quatro escolas, incluindo o casal de mestre-sala e porta-bandeira da Acadêmicos de Niterói. Vale mencionar que o presidente também esteve nos Carnavais de Salvador e do Recife.

“Lula esteve pessoalmente envolvido e sua esposa foi cotada para desfilar. Ele assistiu de camarote. Isso fere o princípio da impessoalidade, que veda a associação da imagem de ocupantes de cargo público com eventos financiados com verba pública em ano eleitoral”, reforça Scarpino.

Financiamento da Embratur

Para emplacar o desfile, a Acadêmicos de Niterói recebeu o investimento da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur), comandada por Marcelo Freixo, um aliado do petista. O valor de R\$ 1 milhão foi disponibilizado para todas as 12 escolas do Grupo Especial, após a

assinatura de um acordo de cooperação com as agremiações. A escola também foi autorizada a captar R\$ 5,1 milhões pela Lei Rouanet, mas não conseguiu investidores. Técnicos do Tribunal de Contas da União (TCU) chegaram a recomendar o veto ao repasse, mas a Corte manteve o pagamento dos valores.

A oposição quer colar o repasse da Embratur na conta do Palácio do Planalto, tentando configurar o abuso de poder político e econômico contra o petista. Eles lembram que Jair Bolsonaro foi condenado pela Corte eleitoral por financiar o desfile do bicentenário da Independência do país, em que o ex-presidente criticou ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e atacou o sistema eleitoral. Em nota, o governo federal e o PT negaram qualquer investimento ou participação na decisão do enredo da agremiação. Mesmo assim, especialistas avaliam que o investimento da agência pode abrir um precedente para outros políticos usarem a cultura para se promover em campanhas eleitorais.

“A homenagem foi a Lula, pré-candidato à presidência neste ano. A escola recebeu recursos públicos de um órgão vinculado ao governo que ele representa — o que já acende alerta sobre uso da máquina para promoção pessoal. O presidente da Embratur, vinculado ao

governo, tinha ciência da conotação política, o que agrava a situação. Permitir esse tipo de prática abre precedente para que prefeitos e outros gestores usem eventos culturais para se promover com dinheiro público”, reforçou Scarpino.

Alberto Rollo vai na contramão e avalia que a distribuição de verba não deve impactar a campanha de Lula. “A distribuição de verba foi a mesma, tornando possível que, mesmo com o dinheiro da Embratur, uma escola de samba beneficiada homenageasse Bolsonaro. Assim como Lula, ao descer na Sapucaí, assistiu a todos os desfiles e cumprimentou os representantes de todas as agremiações. Em ambos os casos, houve demonstração de isonomia”, explicou.

Impacto com os evangélicos

O ponto alto do desfile foi a ala em que a Acadêmicos de Niterói retrata os conservadores em latas de conserva. Chamada de “Neoconservadores em conserva”, a ala contava com pessoas dentro de latas representando grupos evangélicos, integrantes do agronegócio e defensores dos “valores tradicionais da família” de forma pejorativa e na condição de opositores, de acordo com o roteiro enviado pela agremiação à Liesa (Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro).



Paes e Lula com o mestre-sala e a porta-bandeira de Niterói

RICARDO STUCKERT



MARCELO PIU / PREFEITURA DO RIO

Desfile da Acadêmicos de Niterói trouxe uma versão do palhaço Bozo que imitou armas

A imagem viralizou e revoltou o público religioso, de quem Lula tenta se aproximar. Os crentes são 26,9% da população brasileira e, conforme a pesquisa Quast, divulgada no começo deste mês, 61% de seu eleitorado rejeita o atual governo. Ao longo do mandato, Lula tentou fazer acenos ao instituir o Dia Nacional da Música Gospel e a escolha do advogado-geral da União, Jorge Messias, diácono da Igreja Batista Cristã de Brasília, para o STF (Supremo Tribunal Federal). O caminho, agora, parece ainda mais obstruído. “Não sei se tem volta. Me parece que a arrogância é tão grande que eles não conseguem fazer sequer um mea-culpa e dizer que, mesmo sem ter responsabilidade com o samba-enredo, o governo se desculpa por esse ataque desnecessário às famílias brasileiras”, afirmou deputado federal Otoni de Paula (MDB-RJ), ex-bolsonarista que tem se aproximado do governo Lula.

Um dos 14 membros do partido na Frente Parlamentar Evangélica, o deputado Nilto Tatto (SP) afirmou à IstoÉ que a reação crítica não é das famílias evangélicas, mas de “lideranças que tentam tirar proveito” da situação. “A escola de samba não é do PT ou do governo, e não houve qualquer intervenção para definir o enredo”. Para Vinícius do Valle, autor do livro “Entre a religião e o lulismo” (Editora Recrutar, 2019) e ex-diretor do Observatório

Evangélico, é cedo para afirmar que o episódio ampliará a antipatia a Lula no segmento. Ele ressaltou, porém, que o desfile retardará a reaproximação com o público religioso. “Foi um aceno a convertidos, a uma base que vê com maus olhos segmentos sociais refratários ao PT. Para os evangélicos desconfiados, aqueles que o presidente precisa atrair [para a eleição], o efeito é desastroso”, emendou.

O rebaixamento

Logo no primeiro ano no Grupo Especial, a Acadêmicos de Niterói retornará para a Série Ouro no Carnaval 2027. A escola obteve 264,6 pontos, conseguindo apenas uma nota 10 de um dos jurados no quesito samba-enredo. A agremiação foi rebaixada antes mesmo de o último quesito ser anunciado.

Aliados de Bolsonaro comemoraram o rebaixamento da agremiação, afirmando que a escolha do enredo foi um “tiro no pé”, e a queda da escola foi vista como “vitória” para o grupo político bolsonarista. Sob reserva, um bolsonarista disse que o rebaixamento é uma “vitória” para a direita. Ele aposta que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) poderá punir o petista por propaganda eleitoral, além de considerar partes da apresentação como munição para Flávio Bolsonaro.

Para o líder da oposição no Congresso Nacional, senador Izalci Lucas

(PL-DF), a escolha do enredo “custará caro” para o petista. “Estavam tentando se reaproximar dos evangélicos. Agora [após o desfile], não vão conseguir”.

Já a cúpula petista tentou minimizar os efeitos do desfile à imagem de Lula. Para aliados do chefe do Planalto, a oposição está politizando o episódio além do esperado e criando “muita fumaça para pouco fumo”. Eles reforçam que o rebaixamento para a Série Ouro já era esperado pela diferença de investimentos e pelo tamanho da agremiação em relação às outras concorrentes. “Se ela fizesse uma homenagem ao Papa, ela teria sido rebaixada do mesmo jeito”, disse um petista, sob reserva.

Sobre a polêmica fantasia que retratava os conservadores em uma lata de conserva, aliados do petista acreditam que o impacto sobre o eleitorado religioso não será tão relevante, considerando a limitada margem de manobra de Lula com esse público. Apesar da tentativa de demonstrar tranquilidade, o Palácio do Planalto e aliados admitem que o timing do desfile não foi o ideal. Alguns avaliam que o enredo poderia ter sido adiado para 2027, sem prejuízos à imagem do governo em ano eleitoral. Correligionários ainda admitem possíveis desgastes no Tribunal Superior Eleitoral. A avaliação é que, em caso de punição, a campanha petista poderá sofrer pena pecuniária, sem prejuízo à candidatura à reeleição. **E**

Ocaso no Senado

Sem candidatos à reeleição, partidos se mobilizam em São Paulo e no Ceará em torno de novos nomes

Leonardo Rodrigues

Em um cenário inusual, os quatro senadores em fim de mandato por Ceará e São Paulo não devem disputar a reeleição em outubro, quando 54 vagas serão renovadas na Casa Alta do Congresso Nacional. O ocaso dos incumbentes e a importância dos dois estados para a disputa presidencial embaralham as negociações nos grupos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), protagonistas da polarização nacional, para definir candidatos ao cargo.

No maior colégio eleitoral do país, há uma desconexão entre as principais forças políticas e a representação no Senado por São Paulo. Eleita sem se associar a petismo ou bolsonarismo em 2018, Mara Gabrilli (PSD) mantém uma atuação distante dos dois polos;

ela está ligada a bandeiras como o combate ao feminicídio.

Com o PSD na base do governo Tarcísio de Freitas (Republicanos) — caso do vice, Felício Ramuth, e de Gilberto Kassab como secretário de Governo —, a senadora disputaria espaço com integrantes de partidos do MDB ao PL, que apoiam a reeleição do governador, se buscasse renovar o mandato. Ela deve concorrer a deputada estadual.

Alexandre Giordano (MDB), por sua vez, chegou ao posto após a morte do titular, Major Olímpio, vitimado por complicações da Covid-19 em março de 2021. Pouco atuante, o parlamentar não tem trajetória política prévia e, mesmo herdando a vaga de um nome da direita, apoiou Guilherme Boulos (PSOL) nas eleições de 2024. Não deve disputar as eleições de outubro.

Sem ligação com os atuais representantes, Lula trabalha para ter ao menos um de seus ministros na corrida. Simone Tebet (MDB), do Planejamento, deve transferir o domicílio eleitoral do Mato Grosso do Sul, onde foi senadora, para São Paulo, e se colocou “à disposição” do presidente. Para disputar no estado, porém, a ex-presenciável terá de mudar de partido, uma vez que o MDB está alinhado a Tarcísio e busca espaço em sua chapa. O PSB já a convidou para se filiar.

O partido do vice-presidente Geraldo Alckmin também fez o convite à ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, com o mesmo objetivo. Eleita deputada pelo estado em 2022, pela Rede, a ex-petista vive uma crise no partido que fundou, mas tem menos entraves para fazer a troca. Um levantamento divulgado em 11 de fevereiro pela Paraná Pesquisas mostrou Marina na segunda posição pelo Senado, atrás de Fernando Haddad (PT).

“Plano A” do PT para repetir o que fez na última eleição e concorrer ao governo contra Tarcísio, o ministro da Fazenda Fernando Haddad não deseja ser candidato. A intenção de garantir um palanque forte para Lula no estado, no entanto, provocou um movimento interno para convencê-lo a mudar de ideia, encampado pelo próprio presidente.



ANDRESSA ANHOLETE



JEFFERSON RUDY



JEFFERSON RUDY



CARLOS MOURA

Cid Gomes, Eduardo Girão, Mara Gabrilli e Alexandre Giordano não devem disputar novo mandato



*Simone Tebet
virou alvo
governista
para concorrer
ao Senado*

FOTOS LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

Neste cenário, lançá-lo ao Senado surgiu como alternativa de convencimento. Haddad vem de três derrotas seguidas nas urnas — além de 2022, perdeu para Bolsonaro na eleição presidencial de 2018 e, em 2016, quando tentou se reeleger prefeito de São Paulo — e, com Tarcísio favorito à reeleição, teria melhores condições de conquistar uma das duas vagas no Senado sem a mácula de um novo revés.

Do outro lado, o bolsonarismo perdeu seu principal nome para a disputa desde que o ex-deputado Eduardo Bolsonaro (PL) se exilou nos Estados Unidos para articular sanções do governo Donald Trump aos ministros do STF, tornou-se réu na corte e perdeu o mandato na Câmara.

Com o filho do ex-presidente distante, o grupo vive uma indefinição em que são mencionados o deputado estadual Gil Diniz (PL), aliado de Eduardo, a deputada federal Rosana Valle (PL), aliada da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, e até o vice-prefeito de São Paulo, Ricardo Mello Araújo (PL). Nenhum gera consenso.

Mais consolidadas estão as pré-candidaturas de Guilherme Derrite (PP), ex-secretário estadual da Segurança Pública, e do deputado federal Ricardo Salles (Novo). O primeiro é considerado

uma “vaga de Tarcísio” na chapa, e não do bolsonarismo, enquanto o segundo tem uma relação atribulada com o grupo e trocou de partido para manter a candidatura sem depender desse apoio.

Fora dos campos da polarização, o deputado Paulinho da Força lançou pré-candidatura pelo Solidariedade, partido que comanda, e a vereadora Amanda Vettorazzo (União Brasil) declarou intenção de disputar o cargo se conseguir se transferir para o Missão, sigla lançada pelo Movimento Brasil Livre que estreará nas urnas em outubro.

Ausências têm peso no Ceará

No terceiro maior colégio eleitoral do Nordeste, não falta força política aos senadores que, por razões distintas, não pretendem renovar o mandato. Favorito natural à primeira vaga, o ex-governador Cid Gomes (PSB) trabalha para emplacar um aliado, o deputado federal Júnior Mano (PSB), à própria sucessão.

Eduardo Girão (Novo), uma das principais lideranças da direita no estado, é pré-candidato a governador. Mesmo com um desempenho ruim na eleição para a prefeitura de Fortaleza em 2024, quando foi o quinto mais votado, o senador ganhou apoio de Michelle Bolsonaro para se consolidar como representante do bolsonarismo na corrida.

Os movimentos do campo, no entanto, são difusos. O PL costurou um acordo para apoiar Ciro Gomes (PSDB) na eleição estadual e ocupar uma das vagas ao Senado na chapa, conforme relatou o senador Flávio Bolsonaro, presidenciável da sigla, na ocasião. Na equação, o deputado estadual Alcides Fernandes (PL), chamado por Ciro de “meu senador”, seria o indicado.

Capitão Wagner (União Brasil) se tornou favorito para a segunda vaga nesta chapa. O ex-deputado se afastou do bolsonarismo nos últimos anos, depois de representar o campo nas eleições para o governo do estado, em 2022, e para a prefeitura de Fortaleza, em 2020 — em ambas, terminou na segunda posição.

Questionada por lideranças do bolsonarismo — como Michelle — que defendem apoio a Girão e uma candidatura “mais à direita” ao Senado, como a vereadora de Fortaleza Priscila Costa (PL), a chapa formada por Ciro,



*Pré-candidato,
Guilherme Derrite
é considerado
uma “vaga
de Tarcísio”*

Alcides e Wagner tem sido aventada pela oposição cearense como mais competitiva para enfrentar o governador Elmano de Freitas e encerrar um ciclo de três gestões petistas no estado.

No campo governista, a ausência de Cid embaralha uma disputa que, mesmo com o pessebista, já era marcada por um congestionamento de partidos pela segunda vaga. Enquanto o atual senador se apoia na prerrogativa de indicar o sucessor, o PT trabalha para lançar o deputado José Guimarães, líder do governo na Câmara. Já a ex-prefeita de Fortaleza Luizianne Lins avalia deixar a legenda para concorrer.

A aglutinação de forças da oposição, no entanto, fortalece o movimento para que esta vaga seja de um partido de centro, ampliando a coalizão de Elmano.

No MDB, o pré-candidato é Eunício Oliveira, ex-presidente do Senado e outrora adversário do PT, em escolha que deve fazer a vice-governadora Jade Romero deixar a sigla para manter a posição na chapa ou concorrer a um cargo de eleição proporcional, como a própria admitiu em entrevista ao podcast Jogo Político, do jornal O Povo. O ex-senador Chiquinho Feitosa (Republicanos) e Chagas Vieira (sem partido), secretário da Casa Civil do governo cearense, também se movimentam pela vaga. **E**



Moraes (à frente) determinou medidas cautelares contra quatro servidores, como uso de tornozeleiras

ANTÔNIO AUGUSTO

Tiro pela culatra

Operação contra servidores da Receita Federal por suspeita de vazamento de dados vira alvo de suspeição entre autoridades e membros da Corte com mira apontada principalmente para Moraes

João Vítor Revedilho, de Brasília

As 6h da manhã, em plena terça-feira de Carnaval, 17, agentes da Polícia Federal foram às ruas para cumprir quatro mandados de busca e apreensão nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia. Os alvos eram servidores da Receita Federal, apontados como suspeitos de vazar dados de sigilo fiscal de ministros, do procurador-Geral da República, Paulo Gonet, e familiares. A operação teve o aval do ministro Alexandre de Mora-

es, relator do processo, que determinou medidas cautelares aos suspeitos, como o uso de tornozeleiras eletrônicas.

A ação foi desenhada após suspeitas de vazamento de dados de Viviane Barci de Moraes, esposa de Moraes, e de parentes de outros membros da Suprema Corte. O ministro chegou a pedir para que o Fisco fizesse um pente-fino para descobrir os acessos às informações confidenciais de 100 pessoas ligadas aos magistrados nos últimos três

anos. O documento, todavia, ainda não foi entregue ao vice-presidente da Corte e só deve ficar pronto no fim da próxima semana.

A PF suspeita que as informações sobre Viviane, por exemplo, tenham sido acessadas em computadores da Receita Federal em Santos, no litoral paulista. A procura das informações recaí sobre Ruth Machado dos Santos, um dos alvos da operação de terça. Técnica do Seguro Social, ela atua como agen-

te administrativo no posto do Fisco em Guarujá. A reportagem tentou localizar a defesa dela, mas não obteve sucesso. Para agentes da PF, a servidora negou qualquer envolvimento sobre o vazamento de dados da esposa de Moraes.

Também foram alvos os servidores Luciano Pery Santos Nascimento e Luiz Antônio Martins Mendes Nunes. O primeiro está lotado como técnico do Seguro Social na Bahia, enquanto o segundo atua no Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro) no Rio de Janeiro. De acordo com Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil (Unafisco), o trio trabalha em atendimento ao público, não tendo acesso aos dados supostamente vazados.

O quarto suspeito envolvido é Ricardo Mansano de Moraes, de São José do Rio Preto, no interior paulista. De acordo com o Portal da Transparência, ele faz parte da Equipe de Gestão do Crédito Tributário e do Direito Creditório (Eqrat) – braço técnico da Receita que faz análise, auditoria e gestão dos créditos que os contribuintes têm a receber da União, e também o controle de créditos tributários devidos ao Fisco.

Ricardo admitiu ter acessado informações sobre a enteada do ministro Gilmar Mendes, Maria Carolina Feitosa, filha de Guiomar Feitosa, ex-esposa do magistrado. “O caso de Ricardo ilustra a desproporcionalidade da medida. Ele foi identificado porque, três semanas antes, a Receita verificou que ele havia acessado o CPF da enteada do ministro Gilmar Mendes. Ele explicou que meses atrás, por curiosidade pessoal, pesquisou o nome de uma mulher que achou ser ex-esposa de um colega. Ao digitar o nome no sistema, um alerta indicou que se tratava de uma ‘pessoa politicamente exposta’. Diante disso, ele não avançou e não teve acesso a nenhum dado fiscal ou econômico da pessoa”, afirma Kleber Cabral, presidente da Unafisco.

A operação ainda não foi digerida nos bastidores da Corte. Ministros confidenciaram aos interlocutores incômodo com a repercussão da decisão de Moraes que embasou a ação da PF. Um interlocutor afirmou, sob reserva, que a medida do ministro pode trazer ainda mais desconfiança sobre o tribu-

Para Kleber Cabral, da associação de auditores fiscais, a operação é um excesso grave

DIVULGAÇÃO



nal, que intensificou seu protagonismo no debate público nos últimos dias. A principal crítica que paira sobre a operação é que Moraes decidiu pela operação de ofício, sem esperar a lista pedida à Receita. O ministro ainda incluiu a operação no inquérito das Fake News, que está sob o seu guarda-chuva desde 2019, sem avanços nos últimos anos.

“Essa ‘pescaria’ resultou na identificação de quatro servidores que acessaram informações de algumas dessas pessoas, sem qualquer relação comprovada com os vazamentos originais. Trata-se de um dos excessos mais graves já vistos, punindo pessoas sem investigação prévia ou materialidade clara”, reforçou Cabral.

Para o presidente da Unafisco, o processo deveria ser analisado pela primeira instância, considerando que os suspeitos não possuem foro privilegiado. “Ainda que algum dos outros três servidores tenha efetivamente acessado dados sigilosos, todos deveriam responder na primeira instância, por não

terem foro privilegiado, e com direito ao devido processo legal. O fato de a decisão partir diretamente do STF, com medidas cautelares como tornozeleiras, agrava a situação por eliminar instâncias de recurso e misturar os papéis de investigador, vítima e julgador”, critica.

Após as declarações para a imprensa, Cabral foi intimado pela Polícia Federal a prestar depoimento. À reportagem, o presidente da Unafisco negou a comparação de ministros do STF ao crime organizado – o que foi veiculado por parte da imprensa –, e disse respeitar a Corte.

“Eu me referi às altas autoridades da República, e não especificamente ao STF. Há receio de retaliação, como ocorreu com dois auditores fiscais em 2019, que foram afastados do cargo, acusados de vazamento, e depois, quando a apuração demonstrou que não havia lastro probatório, foram reintegrados. Ficou marcado na memória de todos”, disse. A reportagem tentou localizar as defesas dos citados nesta reportagem, mas não obteve êxito. **E**



Comprado em 2024 pelo Master, o banco Pleno passou para Augusto Lima, ex-sócio de Daniel Vercaro, em julho de 2025

Mais uma porta fechada

Banco Pleno teve a liquidação extrajudicial decretada pelo Banco Central por problemas de liquidez — e leva o rombo do FGC a mais de R\$ 50 bilhões

Mal encerrada a folia de Carnaval, o universo econômico acordou com a notícia da liquidação de mais uma instituição financeira pelo Banco Central (BC). A autoridade monetária decretou na quarta-feira, 18, a liquidação extrajudicial do banco Pleno S.A., que integrou o conglomerado do banco Master. A medida do BC incluiu a corretora Pleno Distribuidora Títulos e Valores Mobiliário S.A., que também passa a se submeter ao regime especial de liquidação do BC. O banco Pleno pertence a Augusto Lima, ex-sócio de Daniel Vercaro.

Lima chegou a ser preso na operação Compliance Zero, em novembro de 2025, à época da liquidação do Master pelo BC. O Pleno — já batizado Vouter e, antes disso, Indusval — passou por diversas reestruturações em anos recentes. A instituição financeira foi comprada pelo conglomerado de Vor-

caro em 2024, e a licença do banco passou para as mãos de Lima em julho de 2025, quando este já havia deixado a sociedade no Master. Sobretudo desde a prisão de Lima em novembro passado (e libertado pouco depois), o banco Pleno vinha enfrentando problemas para captar novos recursos por meio de títulos. Liquidez foi a causa para a liquidação.

“A liquidação extrajudicial foi motivada pelo comprometimento da situação econômico-financeira da instituição, com deterioração da situação de liquidez, bem como por infringência às normas que disciplinam a sua atividade e inobservância das determinações do Banco Central do Brasil”, disse a nota do BC. Considerado de pequeno porte, o grupo Pleno se enquadra no segmento S4 da regulação prudencial, que classifica as instituições financeiras de acordo com seu tamanho e possível

impacto no sistema financeiro em caso de liquidação. O banco liquidado, que apresentou pouco mais de R\$ 7 bilhões em ativos totais, detém 0,04% do ativo total e 0,05% das captações totais do Sistema Financeiro Nacional (SFN).

O BC informou, ainda, que irá apurar as responsabilidades do caso no âmbito de suas competências legais, e o resultado das apurações poderá levar à aplicação de medidas sancionadoras de caráter administrativo e a comunicações às autoridades competentes. Os bens dos controladores e administradores ficaram indisponíveis.

O buraco cresceu

Com a necessidade de ressarcir mais investidores em Certificados de Depósito Bancários (CDBs) a partir da liquidação do Pleno, um novo “rombo” ao Fundo Garantidor de Crédito (FGC) é esperado.

Quem é Augusto Lima

O controlador do banco Pleno é o empresário baiano Augusto Lima, ex-sócio de Daniel Vercaro no Banco Master. A sociedade durou até maio de 2024, quando Lima deixou o Master para seguir sozinho no mercado financeiro.

Após a saída da sociedade, Lima assumiu o então Banco Voiter — que passou a se chamar Pleno — e retomou o Credcesta, empresa de cartão de benefício consignado que passou a controlar em 2018, em Salvador. A companhia nasceu da rede de supermercados Cesta do Povo, que pertencia à Empresa Baiana de Alimentos (Ebal), que foi privatizada pelo então governador Rui Costa (PT). O cartão Credcesta era uma operação do supermercado e foi incluído no leilão — o negócio só foi arrematado na terceira vez.

A aquisição do Voiter foi aprovada pelo Banco Central em julho de 2025, apenas quatro meses antes da Operação Compliance Zero, que culminou na liquidação do Master e na prisão do empresário, revogada semanas depois. Depois da operação da Polícia Federal, XP e BTG suspenderam a distribuição dos títulos do banco a investidores, o que acabou enxugando a liquidez do Pleno. Diante do agravamento do quadro, o banco chegou a ser oferecido à J&F, holding de investimentos dos irmãos Wesley e Joesley Batista, que controla a JBS e também o PicPay. Contudo, o negócio não foi adiante.

Lima é casado com Flávia Arruda, ex-ministra-chefe da Secretaria de Governo na gestão Jair Bolsonaro (entre 2021 a 2022) e ex-deputada federal (PL-DF). Ela é ex-mulher de José Roberto Arruda, ex-governador do Distrito Federal.



O empresário fundou o Credcesta em 2018, em Salvador.

REPRODUÇÃO

Em um comunicado divulgado após o anúncio do BC, o fundo informou que o Pleno tinha uma base estimada de 160 mil credores elegíveis ao pagamento de garantia, em uma soma de R\$ 4,9 bilhões. Com esse volume, somado ao do caso Master isoladamente — R\$ 41 bilhões — e à carteira do também liquidado Will Bank, que gerou reembolso de R\$ 6,3 bilhões (este também pertencente ao mesmo conglomerado bancário), o fundo precisará recorrer a históricos R\$ 51,8 bilhões.

Só o desembolso para tapar o buraco do Master já era o maior volume ao qual o FGC precisou recorrer desde que foi fundado, há 30 anos. Pelos dados mais recentes, o fundo tinha cerca de R\$ 160 bilhões em patrimônio, dos quais aproximadamente R\$ 125 bilhões estariam disponíveis para uso imediato. Até meados deste mês, o fundo havia pago R\$ 37 bilhões em garantias aos credores do Master, mais de 90% do total.

Houve antecipação do pagamento a investidores do Will Bank que tinham

até R\$ 1 mil a receber, a um custo de R\$ 200 milhões para o fundo. O restante dos investidores terá de esperar até que o liquidante consolide a base total dos credores. O Will Bank fazia parte do conglomerado do Master, mas teve liquidação decretada em janeiro deste ano.

Diante do cenário, há poucos dias, o conselho do FGC concordou com um plano de recomposição que prevê o adiantamento inicial do equivalente a cinco anos de contribuição pelos bancos. Em 2027, haveria mais uma antecipação de 12 meses de repasses e, em 2028, outros 12 meses. A estratégia resultaria em sete anos de contribuições adiantadas.

Ademais, informou o Estadão, o plano incluiria um aumento extraordinário de 30% a 60% no valor pago mensalmente pelas instituições ao FGC. Os bancos também querem a possibilidade de redirecionar recursos de compulsórios para ajudar na reconstrução do fundo, mas é uma proposta que precisa do aval do BC. **E**

Com reportagem de Alexandre Inacio



A necessidade de profissionais qualificados e o ciclo longo de obras dificultam contratações

MARCELLO CASAL JR/AGÊNCIA BRASIL

Em busca de trabalhadores

“Apagão” de mão de obra pressiona custo da construção de imóveis

Ana Carolina Nunes

A última medição do índice que mede a variação no custo da construção civil mostrou uma aceleração nos preços do setor. O INCC (Índice Nacional de Custo da Construção), medido pelo FGV-Ibre (Instituto Brasileiro de Economia), cresceu 0,63% em janeiro, indo a 6,01% no acumulado de 12 meses. O aumento do percentual do mês anterior se deu já sobre um cenário de custos elevados. Em janeiro de 2025, por exemplo, a alta foi de 0,71% e o ano terminou com alta de 6,10%.

“Do ponto de vista conjuntural, o período recente pode ser interpretado como uma fase de acomodação, após choques sucessivos”, avalia a pesquisadora Ana Maria Castelo, uma das responsáveis pelo INCC no Ibre.

Um importante impulsionador do índice tem sido o grupo “Mão de Obra”, resultado da escassez de profissionais atuando no setor. No índice de

janeiro, ele respondeu por mais de 1% de aumento, e no acumulado de 2025 registrou variação de 9,23%. A inflação oficial do país, o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), encerrou em 4,26% no ano passado.

Assim como o varejo em geral, o setor da construção civil tem tido dificuldade em atrair trabalhadores. Um estudo feito a pedido do Sinduscon-SP revelou que a idade média do trabalhador no setor é de 40 anos, subindo para 42 anos no estado de São Paulo.

O mercado de trabalho aquecido, com taxas mínimas históricas de desocupação, ajuda a explicar o cenário. A plataformação do trabalho também é outra explicação. E, na construção civil, esses fatores têm impacto ainda maior, já que a necessidade de trabalhadores qualificados e o ciclo longo de obras dificultam o processo de contratação.

“Todas as atividades com mão de obra intensiva, como agricultura, cons-

trução civil, têm muitos ciclos. Então, começa a ter um desinteresse das populações mais jovens, que querem trabalhar por conta. Além disso, não tem obra rápida. Ela é mais lenta, leva 20-30 meses, depende do tamanho. E ainda temos um histórico de variações muito grandes de ciclos econômicos. Alguns foram muito agudos. E, após uma obra, em que se treinou aquele trabalhador, quando ela acabar, se o mercado estiver sem demanda, esses trabalhadores entram no desemprego”, diz o vice-presidente de economia do Sinduscon-SP, Eduardo Zaidan.

Para tentar contornar esse gargalo, o setor tenta atrair profissionais via aumento de salário e por programas de requalificação, em parceria com Senai, além de perspectiva de progressão de carreira e até de inclusão, tentando atrair mais mulheres para o canteiro.

“Hoje, o gargalo está na execução, já que falta crônica de mão de obra e



O aluguel subiu 9,44% em 2025, mais que o dobro da inflação, o que reforça a atratividade da compra de imóvel

insumos caros comprimem margens de lucro. Não há espaço para erro”, afirma João Pedro Camargo, sócio da Liv Incorporadora, que atua no segmento de altíssimo padrão em São Paulo.

Outra iniciativa do setor para lidar com a escassez de mão de obra tem sido o aumento da produtividade por meio da industrialização dos canteiros de obras, com maior adoção de métodos construtivos modernos, pré-fabricação, construção modular e uso ampliado de tecnologia e digitalização.

“Esses avanços contribuem para elevar a produtividade, reduzir a dependência de determinadas funções mais escassas e tornar o ambiente de trabalho mais eficiente, o que tem permitido manter o ritmo de expansão diante de uma demanda estruturalmente forte”, explica Luiz França, presidente da Abrainc (Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias).

Zaidan também destaca a aceleração no investimento em aumento de produtividade, com melhoria de equipamentos, padronizações e projetos mais eficientes. “Acho que estamos numa fase de transição, todo mundo se mexendo, procurando produtividade, treinamento, atração. Vejo muito progresso na construção de baixa renda, eficiência... Se tiver – e tem tido continuidade nos programas habitacionais – isso vira produtividade”.

Na ponta do consumidor, é difícil projetar quanto – ou como – esse aumento vai impactar o custo final do imóvel oferecido no estande de vendas.

Como esclarece Zaidan, a relação não é exatamente direta e imediata do aumento do custo da construção com o preço de venda, já que o valor do imóvel envolve outras variáveis, como o terreno. “Quem dá o preço é o mercado. A relação do custo e do preço final não é direta”.

O impacto do aumento do INCC tende a ser maior nas parcelas de imóveis comprados na planta, na fase anterior ao financiamento bancário, já que essas prestações são reajustadas pelo índice. “O INCC fechou acima da inflação, isso evidentemente afeta porque desaquece o mercado, desaquece para quem já comprou e para novos empreendimentos, pois vai ter menos oferta, menos lançamentos”, diz Zaidan.

Projetos imobiliários ou de infraestrutura são de longo prazo e costumam ter seu custo provisionado antes do início das obras. “Quando você contrata uma obra, a demanda pelos trabalhadores e pelos insumos está dada. Ninguém começa uma obra sem ter fluxo de financiamento resolvido”, detalha.

França considera que a alta demanda contribui fortemente para o aumento no preço final. “Nos últimos anos, a valorização do metro quadrado superou os custos, refletindo principalmente a força da demanda. Além disso, o aluguel residencial subiu 9,44% em 2025, mais que o dobro da inflação, o que reforça a atratividade da compra. Assim, embora os custos influenciem a formação de preços, a valorização tem sido

sustentada sobretudo por fundamentos sólidos: alta intenção de compra, mercado de trabalho aquecido e déficit habitacional relevante”, avalia.

Ainda que o principal custo na composição do índice seja a mão de obra, o grupo “Materiais e Equipamentos” também pesou na conta. Após o pico durante a pandemia, especialmente a partir de 2021, os preços passam por acomodação e agora contribuem para reduzir o peso no indicador.

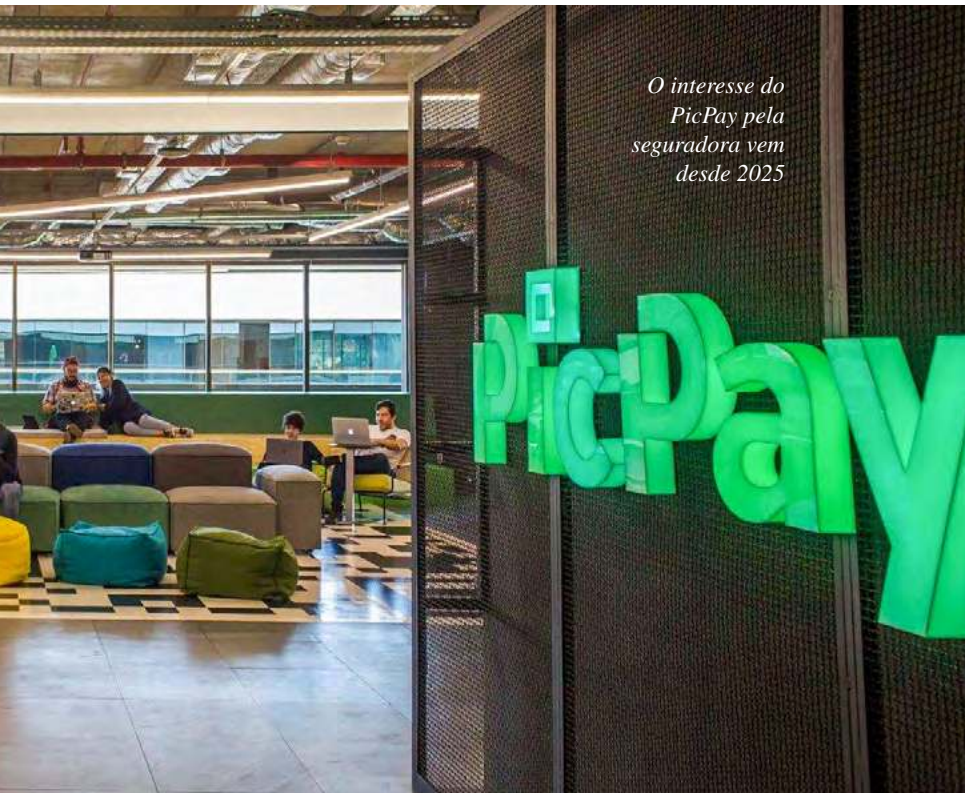
“Se considerar 2021 até hoje, a principal influência veio dos preços de materiais, afetou o preço de obra com aumentos muito significativos. O aço dobrou, PVC dobrou, não tem como não influenciar orçamento das obras, causaram desequilíbrios. Agora o principal peso do índice vem da mão de obra”, aponta Ana Maria Castelo.

O Índice de Confiança da Construção (ICST) do FGV IBRE subiu 2,8 pontos em janeiro, para 94,0 pontos, maior nível desde março de 2025 (94,9 pontos). Na média móvel trimestral, o índice cresceu 0,8 ponto.

“Depois de fechar 2025 em queda, a confiança setorial volta a subir, alavancada pelos dois componentes do indicador. Perspectiva de mais investimentos em infraestrutura, contratações recordes do MCMV e novas regras para financiamento habitacional podem ter contribuído. O custo do crédito pode ser aliviado ao longo do ano, mas os problemas com a mão de obra permanecem e não devem dar trégua”, destacou Ana Maria Castelo. **E**

PicPay quer mais

Banco digital dos irmãos Batista protocolou pedido de compra da seguradora Kovr no Cade — e mira diversificação de negócios



*O interesse do
PicPay pela
seguradora vem
desde 2025*

Apesar do passo dado junto ao Cade, a conclusão do negócio ainda depende de uma estrutura de aprovação regulatória rigorosa. Além do aval antitruste, a operação está condicionada ao crivo da Superintendência de Seguros Privados (Susep), órgão vinculado ao Ministério da Fazenda que regula o setor. Somente após essas validações, o PicPay poderá integrar formalmente os novos ativos e dar início à oferta estruturada de seguros para a sua base de milhões de usuários, acirrando a disputa com outros neobanks — instituições financeiras digitais — que já exploram o ecossistema de proteção financeira.

Estreia em bolsa

O PicPay entrou em 2026 reforçando sua musculatura. Estreou na bolsa americana Nasdaq, em 29 de janeiro, e levantou US\$ 434 milhões em uma oferta pública inicial (IPO). Foi a primeira listagem de ações feita por uma empresa brasileira em um período de mais de quatro anos. Fundado em 2012, e adquirido três anos depois pela J&F Investimentos, o PicPay vendeu 22,86 milhões de ações a US\$ 19 cada. A oferta resultou em uma diluição de cerca de 21% para os acionistas existentes e avaliou a empresa em cerca de US\$ 2,6 bilhões, de acordo com o jornal Valor Econômico. A faixa de preços indicada para o IPO começava em US\$ 16.

Os coordenadores globais da oferta foram Citigroup, Bank of America e RBC Capital Markets, com o envolvimento de outras instituições de porte como Bradesco BBI, BB Securities, BTG Pactual e XP, para citar alguns nomes, também atuando como bookrunners — agentes financeiros responsáveis por coordenar a emissão de ativos, como ações e títulos de dívida.

O banco digital já havia buscado anteriormente uma listagem nos EUA em 2021, mas abandonou o plano devido às adversidades do mercado. Os irmãos Batista levaram também a JBS para o mercado americano, neste caso, para a bolsa de Nova York. O movimento foi feito em 2025, e os papéis da companhia passaram a ser negociados em junho. Antes listada apenas no Brasil, ela continua na bolsa brasileira, a B3, mas comercializando apenas BDRs, ou seja, recibos de ações. **E**

O banco digital PicPay, controlado pela família Batista e recém-chegado à bolsa americana Nasdaq, deu um passo em sua estratégia de diversificação de negócios nesta semana. A companhia protocolou, junto ao Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), o pedido de compra da seguradora Kovr, que pertencia a Daniel Vorcaro, dono do Master. A transação envolve, ainda, a aquisição da corretora de seguros Estrutural, em um movimento que visa consolidar a presença da instituição no mercado de corretagem.

A nova atividade servirá como uma alavanca de receita complementar às

operações bancárias tradicionais do interessado. Após os problemas envolvendo o Master, a Kovr passou recentemente por uma mudança estrutural interna ao ser vendida para os sócios minoritários. O interesse do PicPay e de sua controladora, a holding J&F (dos irmãos Joesley e Wesley Batista e a mesma dona da gigante de proteínas JBS), pela seguradora vem sendo costurado desde 2025, quando os contornos financeiros da negociação começaram a surgir. Apurações realizadas à época indicaram um hiato de expectativas de preço: a holding ofereceu R\$ 450 milhões pelo negócio; Vorcaro mantinha o pedido de venda na casa dos R\$ 600 milhões.

DIVULGAÇÃO

O ex-príncipe na prisão

Detido por cerca de 11 horas, Andrew Mountbatten-Windsor, irmão do rei Charles III, responde por má conduta no exercício de função pública, em investigação derivada do caso Epstein



Andrew foi preso no dia em que completou 66 anos. O inquérito permanece em curso

PHIL NOBLE/REUTERS

No mesmo dia, a polícia executou mandados de busca em endereços ligados ao ex-príncipe, incluindo propriedades em Norfolk — onde fica Sandringham, residência privada do rei — e Berkshire. A polícia de Thames Valley confirmou posteriormente que as buscas em Norfolk foram concluídas.

A agência Reuters registrou o momento em que Andrew deixou uma delegacia no leste da Inglaterra no banco traseiro de um veículo, na qual se vê os olhos arregalados do irmão do rei Charles III. Pouco antes das 19h30 (horário local), a BBC exibiu a saída do ex-príncipe.

Em comunicado, a polícia informou que ele foi liberado “sob investigação” — fórmula jurídica que indica que não houve acusação formal naquele momento, mas que o inquérito permanece em curso, com possibilidade de novas diligências ou eventual denúncia.

O ex-príncipe foi acusado de agressões sexuais por Virginia Giuffre, principal testemunha de acusação do caso Epstein, quando ela era menor de idade. Andrew sempre negou o crime. A família de Virigina diz que ela morreu por suicídio na Austrália em 25 de abril de 2025. Estava com 41 anos.

Em outubro do ano passado, Charles III retira de seu irmão mais novo todos os seus títulos, incluindo o de príncipe, e o obriga a deixar sua residência histórica em Windsor. Após a divulgação da prisão, o rei declarou que “a Justiça deve seguir seu curso”, sinalizando distanciamento institucional do caso. Andrew, até a quinta-feira, não se manifestou publicamente.

O episódio representa o ponto mais sensível da crise que envolve o ex-príncipe e coloca a monarquia britânica diante de um teste institucional significativo, com desdobramentos ainda imprevisíveis nas próximas semanas. **E**

O Reino Unido sofreu um abalo importante na quinta-feira, 19. O ex-príncipe Andrew Mountbatten-Windsor foi detido por cerca de 11 horas por suspeita de “má conduta no exercício das funções oficiais”, fruto de uma investigação derivada do caso Jeffrey Epstein, magnata que comandava uma rede internacional de tráfico humano e crimes sexuais. A prisão ocorreu no dia em que irmão do rei Charles III completou 66 anos. Outro marco: ele é o primeiro membro da família real a ser preso na história moderna. Para encontrar um precedente, é preciso voltar no tempo até 20 de janeiro de 1649, quando o rei Charles

I foi condenado à morte e decapitado após o fim da Guerra Civil Inglesa.

Segundo as autoridades, a investigação foi aberta após análise de alegações de que Andrew teria repassado a Epstein informações potencialmente confidenciais quando atuava como representante especial do Reino Unido para o Comércio Internacional, cargo que ocupou entre 2001 e 2011. O foco recai sobre e-mails de 2010, divulgados recentemente pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos. De acordo com essas mensagens, o irmão de Charles III encaminhou ao financista relatórios de visitas oficiais à Ásia poucos minutos depois de recebê-los de seus assessores.

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Venezuela

Presidente interina extingue programas sociais do chavismo

A presidente interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, extinguiu sete programas sociais e órgãos criados durante o chavismo, quatro deles no governo de Nicolás Maduro, de quem era vice quando ele foi sequestrado pelas forças norte-americanas (atualmente está preso em Nova York). Entre as medidas está o fim do Centro Estratégico de Segurança e Proteção da Pátria, alvo de críticas por restringir informações. Três "missões" voltadas a subsídios em alimentação, saúde, habitação e educação também foram eliminadas. A reorganização ocorre após a captura de Maduro em operação militar americana.

Peru

Congresso define presidente interino a 2 meses da eleição

O Congresso do Peru destituiu o direitista José Jerí da presidência do Parlamento por "falta de idoneidade", com 75 votos a favor. Como ele exercia interinamente a presidência da República por estar na linha sucessória, a perda do comando do Legislativo o retirou do cargo de chefe de Estado. Jerí governava havia quatro meses, após a queda da presidente Dina Boluarte, que não tinha vice. O Congresso elegeu José María Balcázar como presidente interino, que assume até julho. Essa foi a oitava troca presidencial em quase uma década. As eleições gerais serão em abril.

Argentina

Confederação convoca greve contra reforma

A Confederação Geral do Trabalho (CGT) convocou greve geral na quinta-feira, 19, dia marcado para a Câmara dos Deputados debater a reforma trabalhista do presidente Javier Milei, já aprovada pelo Senado nesta semana por 42 votos a 30. O projeto reduz indenizações, amplia jornada para 12 horas e limita greves. Sindicatos do transporte prometeram paralisação total. O governo defende que a medida combate a informalidade, enquanto centrais a classificam como "regressiva" e ameaçam recorrer à Justiça.



França

Vazamento atinge teto histórico no Museu do Louvre

O Museu do Louvre anunciou na sexta-feira, 13, que um teto pintado em 1819 por Charles Meynier foi danificado após o rompimento de um cano na noite anterior na ala Denon. Meynier (1763-1832) foi um pintor francês neoclássico conhecido por obras históricas e alegóricas em edifícios públicos. O vazamento atingiu a sala 707, dedicada à arte italiana dos séculos XV e XVI. A Mona Lisa, exibida em outra sala da mesma ala, não sofreu danos. O episódio ocorre após o roubo de joias em outubro de 2025 e denúncias de fraude na venda de ingressos reveladas um dia antes.



Nigéria

Ataques deixam mais de 45 mortos

Grupos armados mataram mais de 45 pessoas em ataques a vilarejos no estado de Níger, no centro-oeste da Nigéria. Em Konkoso, ao menos 38 moradores foram mortos e quase todas as casas incendiadas. Outras sete vítimas foram registradas em Tungan Makeri e uma em Pissa, na região de Borgu. A violência ocorre em meio à crise de segurança que envolve gangues armadas e grupos jihadistas. O governo nega perseguição religiosa, enquanto os Estados Unidos anunciaram envio de militares para treinar tropas contra os criminosos.

Vaticano

Basílica de São Pedro celebra 400 anos com inovação

O Vaticano apresentou o programa pelos 400 anos da Basílica de São Pedro, celebrados em 2026, com iniciativas que combinam tecnologia e história. Entre as novidades estão o Smart Pass, sistema digital de reservas integrado ao site oficial, e um aplicativo com tradução em 60 idiomas para liturgias. Há, inclusive, uma nova fonte tipográfica no Microsoft Office em homenagem à caligrafia do pintor Michelangelo. Áreas como as cúpulas Gregoriana e Clementina e o terraço serão abertas com exposições multimídia. O calendário começa nesta sexta-feira, 20, e termina em 18 de novembro, com missa do papa Leão XIV.



Vídeo feito via Seedance, da ByteDance, exhibe Brad Pitt e Tom Cruise fakes em briga

Pesadelo em Hollywood

Ferramentas de IA de vídeo avançam ainda mais e intensificam a dor de cabeça da indústria cinematográfica

Alessandro Martins

Se as inteligências artificiais de vídeo já eram capazes de tirar o sono de grandes magnatas de Hollywood, qualquer salto adicional dessa tecnologia pode gerar novas preocupações – e muito prejuízo. O mais novo “pesadelo” para a indústria do cinema se revelou no início de fevereiro, quando a ByteDance lançou o Seedance 2.0, nova versão de seu modelo de IA capaz de gerar cenas complexas e com fidelidade muito maior do que a concorrência.

Em comparativos divulgados pela própria empresa, a ferramenta supera, em diversos aspectos, o Veo 3.1, do Google, e o Kling, considerados modelos de referência na área. Com funcionalidades inéditas, esse novo “inimigo” resolve problemas clássicos das IAs de vídeo, como, por exemplo, a incapacidade de manter a consistência dos personagens em diferentes cenas.

Ao utilizar o Sora, modelo da OpenAI, o usuário precisa digitar uma instrução via texto para que a IA gere uma cena com base no comando. É diferente do que ocorre com o Seedance 2.0. Ele unifica em um só modelo instruções de texto, imagens e áudios. É o que se chama de modelo multimodal.

A ferramenta também conta com um modo chamado “Multi-referência”, que permite o uso de várias imagens diferentes para a composição de um vídeo. Ao selecionar uma grande variedade de imagens de um ator ou atriz, com diferentes expressões, em diferentes ângulos, o modelo mantém uma fidelidade única, gerando novas cenas sem perder a identidade.

O diretor irlandês Ruairi Robinson, que atua também com campanhas publicitárias, criou cenas de Brad Pitt lutando contra zumbis, robôs, e até trocando socos com o companheiro de profissão, Tom Cruise. Os resultados não demoraram a contaminar a imaginação dos internautas.

“Conseguí criar essas cenas usando apenas duas linhas de instruções. Talvez Hollywood esteja mesmo em maus lençóis”, afirmou em um post no X, que viralizou.

Para evitar maiores danos, no início da semana, a Motion Picture Association (MPA), associação comercial que representa os maiores estúdios do cinema americano, entrou com um pedido na justiça para que a ByteDance pare de utilizar conteúdo protegido por direitos autorais. “Ao lançar um serviço

que opera sem medidas de segurança significativas contra a violação de direitos autorais, a ByteDance está desrespeitando leis bem estabelecidas que protegem os direitos dos criadores e sustentam milhões de empregos nos Estados Unidos.”, afirmou o CEO da MPA, Charles Rivkin, em comunicado.

Surfando a mesma onda, a Disney também representou contra a empresa chinesa e pediu a retirada de todo conteúdo que viole direitos autorais de suas obras, especialmente de suas franquias da Marvel e Star Wars.

No ano passado, a corporação travou uma batalha com a OpenAI pelo mesmo motivo, mas em dezembro acabou negociando o licenciamento de seus personagens para uso no Sora pela bagatela de US\$ 1 bilhão (mais de R\$ 5 bilhões, na cotação atual).

Após toda a movimentação, a ByteDance divulgou um comunicado afirmando que “respeita os direitos de propriedade intelectual”.

A companhia explicou que está “tomando medidas para reforçar as medidas de segurança atuais”, enquanto trabalha para “impedir o uso não autorizado de propriedade intelectual e imagem por parte dos usuários”. **E**

Um possível biomarcador para a depressão

Estudo da USP e da Universidade de Harvard identifica gene, cuja atividade pode sinalizar risco para a doença

Durante décadas, o diagnóstico da depressão foi baseado estritamente no relato do paciente e na observação do especialista. Um estudo, recentemente publicado na revista científica *Translational Psychiatry*, do grupo *Nature*, indica que esse cenário pode mudar no futuro ao reforçar a visão de que a doença é uma condição sistêmica com rastros físicos no organismo. Ele aponta um caminho bioquímico entre o sistema nervoso central e o imune a ser investigado, sugerindo que é possível encontrar um biomarcador.

Feita por pesquisadores da USP em parceria com a Universidade Harvard (EUA), o trabalho analisou dados de 3.114 pessoas — 1.877 com diagnóstico de transtorno depressivo maior (MDD, na sigla em inglês), caracterizado por episódios persistentes de estado deprimido, e 1.237 sem a doença

— reunidos a partir de bancos públicos internacionais. Os cientistas reexaminaram dados já disponíveis com foco no transcriptoma (conjunto de genes que estão ativos em uma célula em um determinado momento).

Foram avaliadas amostras de células de defesa presentes no sangue, os leucócitos, e também de tecido cerebral obtido pós-morte, especialmente de regiões envolvidas na regulação emocional, como o córtex cingulado anterior e a amígdala. Com o cruzamento de dados, os pesquisadores identificaram convergência em processos biológicos semelhantes, principalmente ligados à interação entre sistema nervoso e sistema imunológico.

O estudo, que teve apoio da Fapesp, também fez mais um cruzamento. Os cientistas utilizaram esses resultados e os analisaram com base em um dos

maiores estudos genéticos já realizados sobre depressão — um GWAS (estudo de associação genômica ampla, que identifica variações no DNA associadas ao risco da doença) com mais de 1,3 milhão de pessoas, das quais 371 mil tinham diagnóstico de depressão. O GWAS não mede expressão gênica, mas faz a associação estatística com risco de depressão.

Ao sobrepor os dados, a equipe encontrou 31 genes em comum e avaliou a atividade de cada um. Entre eles, o PAX6 se destacou por apresentar associação genética com depressão e também alteração de expressão no sangue e na amígdala.

Para validar os achados, os pesquisadores utilizaram um modelo experimental em camundongos submetidos a estresse crônico — protocolo que simula exposição prolongada a tensão psicológica. Nesses animais, o PAX6 aumentou temporariamente em células imunes específicas, sugerindo que o gene pode participar das primeiras respostas do organismo ao estresse.

“Trata-se de um trabalho de ciência básica que, além de descobrir potenciais biomarcadores e novas vias terapêuticas para intervenção da depressão, abre a possibilidade de rever uma série de conceitos, como o papel do PAX6 no sistema imune e o grau de complexidade da interação neuroimune”, afirmou para a Agência Fapesp Otávio Cabral-Marques, professor da Faculdade de Medicina da USP e coordenador do estudo.

O avanço representado por essa pesquisa está na compreensão dos mecanismos bioquímicos do transtorno depressivo grave, ao mostrar uma assinatura compartilhada entre cérebro e sistema imune. Para uma doença que afeta cerca de 300 milhões de pessoas no mundo, mapear essas conexões representa um passo relevante na tentativa de entender melhor sua base biológica. **E**

Cientistas analisaram genes presentes nos sistemas imune e nervoso de pessoas com depressão

FREEDICK

Nordeste em cena

Famosa como a “Dona Rosinha”, de “O Auto da Compadecida”, Virginia Cavendish está em série policial produzida por Kleber Mendonça, que estreia neste ano

Marília Barbosa

Aos 55 anos e prestes a completar 40 de carreira, a atriz e produtora recifense Virginia Cavendish estará na telinha neste ano em uma série que tem como produtores Kleber Mendonça Filho e Emilie Lesclaux, indicados ao Oscar 2026 por “O Agente Secreto”. Dirigida por Marcelo Lordelo e Paulo Lacca, dupla também do Recife, a nova produção será exibida pelo Canal Brasil e se chama “Delegado”.

Ambientada na capital pernambucana, a história mostra uma família de classe média em que o filho decide ser delegado de polícia em uma região do subúrbio do Recife. O detalhe é que o delegado se choca com a realidade que encontra. O protagonista é interpretado pelo ator e diretor carioca Johnny Massaro, mas a maior parte do elenco é formada por profissionais nordestinos, um fato destacado por Virgínia. “Tem muito ator maravilhoso do Nordeste”, diz.

No time estão Alice Carvalho e Tânia Maria, que ganhou projeção nacional com dois filmes de Kleber Mendonça, que é recifense: “Bacurau” e “O Agente Secreto”.

Além desse trabalho, Virgínia celebra uma conquista pessoal. Ela finalizou um mestrado na Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo (USP) e se prepara para o doutorado, em que vai defender uma tese que está associada a um projeto que planejou desde a pandemia. Interessada no processo criativo de atrizes veteranas, ela idealizou e produziu “O segredo delas”, série documental com 10 nomes importantes da dramaturgia brasileira, como Zezé Motta e Joana Fomm.

Lançada no ano passado, a produção – em que Virgínia é a entrevista-

dora – está disponível no Itaú Cultural Play. Agora, ela pretende explorar essa temática no doutorado, fazendo um mapeamento de atrizes consagradas.

Na virada de 2024 para 2025, Virgínia voltou para as telas com um personagem querido do público. Em “O Auto da Compadecida 2”, ela reviveu “Dona Rosinha”, que interpretou no filme “O Auto da Compadecida” (2000). Foi o reencontro com o ator Selton Mello, com quem formou casal nas duas produções e em “Lisbela e o Prisioneiro” (2003). A atriz comentou como nasceu a relação dos dois no cinema e como foi retomar papéis baseados na obra de Ariano Suassuna que os consagraram.

“A química foi instantânea. Aconteceu imediatamente. A gente saía de cena, ia para o bastidor enquanto trocavam a câmera, e ficava colocando a vida real em dia, depois voltava para o personagem, depois voltava a botar a vida real em dia [risos]. Foi muito legal, foi um encontro muito bonito, a gente tem um encontro muito bom, que a gente não sabe o porquê. Tanto em ‘Lisbela e o Prisioneiro’, quanto em ‘O Auto da Compadecida 1’. As pessoas gostam muito do casal”, afirmou.

Na história, Rosinha é deserdada para viver com Chicó, interpretado por Selton. “A gente brinca que ela é a Simone de Beauvoir do nordeste [risos], porque ela revolucionou, já rompeu no [filme] com o pai, largou a herança e foi fugir com aqueles dois pé-rapados. Eu gosto muito da frase que o Chicó fala: ‘Dona Rosinha, deste o golpe do baú ao contrário’. É muito lindo fazer esses personagens”, completou.

Virgínia, que é mãe da atriz Luisa Arraes, encerrou 2025 celebrando também o sucesso da peça “Mary Stuart”, com a qual rodou diversos teatros do país. Ela já soma 132 apresentações e aguarda novas propostas de apoio para continuar com esse trabalho neste ano. **E**

Virgínia está em “Delegado”, série no Canal Brasil, e se prepara para um doutorado



Quando a vida imita a arte

Diagnosticada com câncer após interpretar personagem com a doença, atriz Dani Gondim compartilha etapas do tratamento e fala sobre o peso da vaidade

Thais Fonseca

Dani, que ganhou projeção com a novela “Carinha de Anjo”, cancelou projetos ao receber o diagnóstico

LUIS MORAIS



O que aprender quando a vida imita a arte? Essa foi a reflexão da atriz cearense Dani Gondim, de 32 anos, quando, em novembro do ano passado, foi diagnosticada com um tumor no mediastino (região no tórax situada entre os pulmões). Ela tinha interpretado em um filme uma personagem que enfrenta o câncer. A obra em questão é “Milagre do Destino” (2025), baseada na história real da repórter cearense Marina Alves e sua luta contra um linfoma.

Dani tem compartilhado as etapas do seu tratamento oncológico nas redes sociais, onde também mostra como está enfrentando o momento. Ela levantou a bandeira da doação de medula óssea, apesar desse transplante não envolver o tratamento para o tipo de câncer que enfrenta.

“Quanto mais poder você tem, seja financeiro ou midiático, mais você tem de retribuir à sociedade”, explica.

A artista já estava engajada na causa antes de receber o diagnóstico. Quando veio o tratamento, carregado de consequências na aparência do paciente, ela viu que tinha uma missão: incentivar mulheres ao tratamento em detrimento da vaidade. Explorando desde cedo sua beleza como instrumento de trabalho, Dani encarou a perda dos cabelos como uma etapa na busca pela cura. Ela estreou como modelo aos 12 anos, desfilou em passarelas e chegou a conquistar

carreira internacional. Dani começou a estudar teatro aos 8, mas foi em 2016 que ganhou destaque ao dar vida à vilã da novela infanto-juvenil “Carinha de Anjo”, do SBT.

Pelo canal, ainda esteve em “Cúmplices de um Resgate” e disputou a terceira temporada do “Bake Off Celebidades”, ficando em segundo lugar. Em seu currículo estão participações em “Malhação” e na novela “Bom Sucesso”, ambas produções da Globo.

Neste bate-papo, a atriz relembrou sua trajetória, abriu o coração sobre o impacto da descoberta da doença e o que espera para a vida e a carreira após encerrar o tratamento.

Como detectou o problema entre os pulmões?

O problema nos pulmões foi detectado via exame de imagem. Passei alguns meses com tosse, como se estivesse com pressão baixa. De vez em quando tinha falta de ar, mas nada que me preocupasse. O tratamento tem sido com quimioterapia. Fico internada porque é uma quimioterapia de 24 horas durante vários dias na semana. A cada 21 dias volto para nova internação. O meu tipo de quimioterapia é modular. Ele vai aumentando ou diminuindo doses de acordo com a resposta do corpo. Tenho tido bastante enjoo. É uma das coisas que mais me deixa desconfortável. Por questão de segurança da imunidade, fico trancada no quarto e isso dá um pouco de agonia. Mas faz parte do tratamento de cura.

Você é modelo e atriz desde adolescente, tendo lidado esse tempo todo com a cobrança da estética. Como tem sido encarar o espelho agora?

O problema não foi nem raspar o cabelo. Eu me sinto bem com essa imagem. O problema foi que, a partir do momento que eu tive de adotar esse novo visual, minha vida particular teve de ser exposta. E isso sempre foi um desafio. A prioridade das minhas divulgações sempre foi falar sobre o meu trabalho. E agora a minha vida privada virou o ponto de partida. Sobre a mudança estética, o que me entristece ou atrapalha é porque ela limita os meus personagens. Mas hoje há muitas alternativas para isso. Quando eu puder voltar à ativa, de entrar num set de filmagem, acho que isso não vai ser um problema. E a gente pode explorar novas mulheres em mim, novas personagens.

Muitas mulheres que perdem os cabelos no tratamento evitam exibir a imagem. Você postou um vídeo raspando o cabelo e tem aparecido sem perucas. Isso tem impactado mulheres que te acompanham?

Tive um relato da Marina, a personagem-inspiração do filme “Milagre do Destino”. Ela falou de mulheres que, inclusive, recusaram o tratamento porque não queriam perder o cabelo. Na nossa cultura, o cabelo da mulher é visto como o nosso contorno, a moldura do nosso rosto. Nossa vaidade está muito atrelada ao cabelo. Essa mulher do relato faleceu porque recusou o tratamento; ela não queria ficar careca. Se eu puder ter sido um instrumento para que uma mulher entenda que a beleza dela não é sobre o cabelo e que a saúde dela é muito mais importante do que qualquer aspecto físico de vaidade, já fico feliz com isso. Compreendo que a nossa cultura faça essa pressão estética com a gente, mas a nossa vida vale muito mais do que isso.

Em seu tratamento não cabe o transplante de medula. Mesmo assim, você tem levantado a questão da doação da medula.

Acho que, quanto mais poder você tem, seja financeiro ou midiático, mais você tem que retribuir à sociedade. Por conta de 20 anos de trabalho, eu consegui um poder na mídia que me permite transformar um problema, um tratamento e converter em ajuda para



DIVULGAÇÃO

Em “Milagre do Destino”, Dani faz uma repórter que descobre um tumor. O papel a preparou para o tratamento que está fazendo

as pessoas que precisam. Em março de 2025, depois do lançamento do filme, a gente fez uma campanha nacional para incentivo à doação de sangue e medula óssea. Quando eu me vi nessa situação, uma das primeiras coisas que me impactaram foi “poxa vida, eu não vou mais poder ser uma doadora de sangue”. Fiquei super triste. E aí pensei: “não posso mais ser doadora, mas as milhões de pessoas que veem meus vídeos e acompanham a minha história podem”. Posso pedir para que elas se cadastrem, para que elas sejam doadoras. E aí você multiplica essa potência. Uso o poder que construí com o meu trabalho para tentar ajudar outras pessoas. Acho que isso é essencial. Inclusive, acho que isso é função de todo artista, de toda pessoa que tem qualquer tipo de privilégio.

Em “Milagre do destino”, você vive uma jornalista que descobriu a leucemia e que foi salva ao descobrir uma irmã, que se tornou doadora [de medula]. Chegou a pensar sobre a vida imitando a arte?

Eu fiquei impactada com a coincidência. E as coincidências foram aumentando ao longo das descobertas do meu tipo de câncer. Nós duas temos um

linfoma primário, não Hodgkin’s, no mediastino. A diferença é que o dela é um pouco mais próximo do coração e o meu é mais próximo dos pulmões. Mas é exatamente na mesma região. As coincidências só foram aumentando. É impressionante. De uma certa forma, a arte me preparou para o que eu ia passar agora. Ela me adiantou algumas coisas. Eu aprendi a fazer o curativo do meu cateter. Eu entendi os processos de coleta de sangue. Eu entendi o processo hospitalar também. Eu tive que fazer um estudo do processo hospitalar que ela passava. Eu me vi careca. Porque a gente fez uma prótese de careca. Eu me vi careca. Eu pude experienciar isso antes de viver isso de verdade. Tem uma cena do filme que foi essencial para me dar força também. A personagem olha no espelho e, antes de raspar o cabelo, fala: “Essa doença não me define”. Eu me fortaleço muito nisso. Essa doença não me define. Eu fiquei com muito medo de perder trabalho. Fiquei com muito medo de ser esquecida no mercado. Fiquei com muito medo de que minha mudança estética me barrasse nos projetos futuramente. E aí eu olho no espelho e digo: “Essa doença não me define”. Isso é uma passagem. E eu vou superar isso.

O que você tem planejado para vida e para carreira?

Eu ia gravar videocliques quando descobri tudo isso. Ainda tentei negociar com o médico para ver se poderia começar o tratamento em janeiro, e não foi indicado. Eu podia ter algumas sequelas mais graves. Então, a gente teve de começar de imediato o tratamento. Também tive de recusar alguns projetos de seriado e de um filme. Mas, em março, devo finalizar meu tratamento e continuo estudando, continuo fazendo as minhas pesquisas como atriz, como compositora, continuo escrevendo. A arte é sempre um exercício. A gente vai se atualizando no mercado para, quando voltar, estar preparada para as oportunidades. **E**

O herói que veio do frio



Lucas Pinheiro Braathen conquista o Brasil com o Ouro nos Jogos de Inverno da Itália; é a primeira medalha olímpica da América Latina

André Ruoco e Lena Castellón



Lucas Pinheiro celebra o Ouro no slalom gigante

O feito parecia difícil. Embora fosse um nome forte mesmo antes do início dos Jogos Olímpicos de Inverno Mião-Cortina, na Itália, o esquiador alpino Lucas Pinheiro Braathen, 25 anos, trazia o peso de um país que nunca tinha conquistado uma medalha na competição como também o de uma nação em que não neva em condições para a prática dos esportes de frio. Sem tradição e sem recursos naturais para ter um time regular treinando em seu território, o Brasil se uniu na torcida pelo atleta, nascido em Oslo (capital da Noruega), mas com dupla cidadania. E a medalha veio na sua forma mais desejada: o Ouro.

No sábado, 14, na pista do centro de esqui Stelvio, de Bormio, cidade nos Alpes italianos, Lucas fez história ao vencer a competição na modalidade de slalom gigante. Essa é não apenas a primeira medalha olímpica do Brasil nos Jogos de Inverno. É a primeira da América Latina.

Filho de um norueguês e de uma brasileira, que se separaram quando Lucas tinha somente três anos, o atleta alternou várias vezes sua residência, mas acabou por viver em Oslo. Foi na Noruega que tomou contato com o esporte que estabeleceria seu nome na história olímpica. Era apaixonado por futebol — é torcedor do São Paulo —, mas estava na neve o seu destino. Na adolescência, passou a competir oficialmente pela Federação Internacional de Esqui e Snowboard (FIS), conquistando sua primeira medalha aos 18 anos. Vestia

as cores da Noruega (vermelho, branco e azul), na época.

Em 2021, Lucas sofreu uma grave lesão, retornando às pistas um ano depois. Durante o período fora das competições, passou a ter divergências com a federação norueguesa. Na temporada 2022/2023 da Copa do Mundo, sagrou-se campeão de slalom gigante, sua modalidade, ainda pelo país. Mas, na sequência, anunciou sua aposentadoria precoce.

Após meses de negociações, decidiu retornar aos campeonatos representando a bandeira do Brasil, em 2024. Desde então, tem aumentado sua frequência no país e se adaptado à cultura. Na atual temporada da Copa do Mundo (2025/2026), que começou em outubro do ano passado, o atleta é vice-líder na disputa do slalom gigante. A competição continua depois dos Jogos de Milão-Cortina. As finais acontecem entre os dias 21 e 25 de março, na Noruega — e há chances de o brasileiro vencer no slalom gigante.

Com tudo isso, Lucas Pinheiro chegou à Itália com potencial para a medalha inédita. Não à toa, foi escolhido como porta-bandeira na cerimônia de abertura dos Jogos, em Milão, no dia 6. Na cidade de Cortina d'Ampezzo, na base das Dolomitas — outra cadeia de montanhas famosas no país —, os organizadores montaram mais uma cerimônia e nela brilhou Nicole Silveira, nossa representante no skeleton. A delegação de 14 atletas do Time Brasil, a maior desde que país começou a competir nas Olimpíadas de Inverno, em 1992, chamou atenção pela beleza dos uniformes, assinados pela grife italiana Moncler e pelo designer brasileiro Oscar Metsavaht. O “detalhe” é que Lucas voltaria a atrair os olhares em Bormio pelo seu talento na pista de esqui.



ATHLET PERAWONGMETHA/REUTERS

Nicole obteve o 11º lugar no skeleton, ficando a milésimos do top 10

O Brasil nos Jogos de Milão-Cortina

Esqui Alpino - Slalom Gigante Masculino

Lucas Pinheiro
Braathen **Ouro**

Giovanni Ongaro **31º**

Esqui Alpino - Slalom Masculino

Lucas Pinheiro
Braathen **Não finalizou**

Giovanni Ongaro **27º**

Snowboard - Halfpipe Masculino

Patrick Burgener **14º**

Augustinho Teixeira **19º**

Esqui Cross-Country

Manex Silva **48º** no sprint e **97º** no 10 km

Eduarda Ribera **72º** no sprint e **não finalizou** no 10 km

Bruna Moura **74º** no sprint e **99º** no 10 km

Skeleton Feminino

Nicole Silveira **11º**

Bobsled - Dois Homens

Equipe Brasil (Edson Bindilatti, Luis Bacca) **24º**

A conquista do Ouro

Por sorteio, Lucas foi o primeiro a fazer a primeira descida (são duas na prova). Na pista intacta, ele desceu agressivo, preciso, e cravou 1min13s92, o melhor tempo da bateria, quase um segundo à frente do suíço Marco Odermatt (1min14s87), o líder na Copa do Mundo. Essa vantagem foi determinante para a definição do pódio, que considera a soma dos tempos das duas sessões.

Na segunda bateria, os 30 atletas com os melhores tempos largaram, deixando quem completou a pista em menor tempo como o último a descer, no caso, o brasileiro. Isso confere emoção à bateria, já que a tendência é ver os melhores esquiadores no fim, com os melhores tempos, portanto. Antes de Lucas, desceram três suíços e um vinha melhorando o percurso do outro. Odermatt tinha diminuído seu tempo de maneira assombrosa, indicando que a tarefa de Lucas seria muito desafiadora. Ainda que mais que o clima havia mudado em comparação à primeira bateria: nevava no topo da montanha e no fim do percurso chovia.

O brasileiro, porém, veio firme na descida, chegou a corrigir uma pequena falha e confirmou a liderança, fechando a prova com 2min25s00 e levando o Ouro. Odermatt ficou com a Prata. O

suíço Loic Meillard completou o pódio com o Bronze.

Até então, o Brasil tinha como melhor resultado nos Jogos de Inverno o nono lugar conquistado por Isabel Clark no snowboard cross nas Olimpíadas de Turim (Itália), em 2006. No caso da América Latina, a melhor participação tinha sido em St. Moritz, em 1928, quando duas equipes argentinas de bobsled terminaram em quarto e quinto lugares, respectivamente.

Houve festa de parte a parte, nas terras tropicais e nos Alpes italianos, com lágrimas e celebrações de Lucas, sua família, a namorada, a atriz Isadora Cruz (protagonista da novela "Coração Acelerado", na TV Globo) e sua crescente torcida.

Na segunda-feira, 16, Lucas tentou mais uma medalha, na mesma pista, na competição de slalom, mas as condições climáticas foram ainda mais adversas do que no sábado. Sexto a descer na primeira bateria, o brasileiro veio rápido logo nos primeiros metros, mas sofreu uma queda perto da metade do percurso e, assim, não pode mais prosseguir.

De um total de 96 atletas, 50 não conseguiram terminar a prova, demonstrando o alto grau de dificuldade da pista. Lucas lamentou as condições de visibilidade, contou que tinha descido com muita velocidade, mas que se desconcentrou na técnica no trecho em que sofreu a queda.

Ainda assim, o que Lucas alcançou em Milão-Cortina já ficará na memória dos brasileiros. Mas não é só no esqui alpino que o Time Brasil demonstrou avanços. De um modo geral, a delegação pode comemorar os resultados obtidos até o momento – a última participação será no sábado e no domingo (21 e 22) nas provas de bobsled 4-man, com a equipe composta por Edson Bindilatti, Luís Bacca, Davidson de Souza, o Boka, e Rafael Souza. Todos os resultados superaram as melhores marcas obtidas em edições anteriores. Nicole no skeleton esteve a milésimos de entrar no top 10. E no snowboard halfpipe masculino Pat Burgener ficou a duas posições de disputar a final (terminou em 14º). Dessa forma, já temos novas barreiras para superar nos próximos Jogos de Inverno, de 1º e 17 de fevereiro de 2030, nos Alpes Franceses. **E**



As escuderias estão testando os novos carros e motores, como a Ferrari, com Lewis Hamilton, em sessão no Bahrein

A F1 não é mais a mesma

Neste campeonato, quase tudo muda: carros, regulamentos, equipes, tecnologias. Inclusive a transmissão das corridas

Douglas Mendonça

Havia décadas que a Fórmula 1 não passava por mudanças tão profundas em seu regulamento. As novas determinações da FIA, a Federação Internacional de Automobilismo, praticamente recriaram a F1 como a principal categoria do automobilismo mundial. Quando comparados aos carros que disputaram o campeonato de 2025, os novos bólidos enquadrados no regulamento de 2026 representam uma nova Fórmula 1.

Tudo foi alterado. Neste ano, a F1, em termos práticos, recomeça do zero e, neste início de temporada, não há equipes superiores às outras, ao menos por esse lado. Todas trabalham em projetos inéditos, que exigem desenvolvi-

mento intenso e estudos aprofundados sobre o comportamento dinâmico dessas novas máquinas. E haja testes para deixar tudo em ordem. Da quarta-feira, 18, até o sábado, 20, no Bahrein, as equipes passam pela terceira sessão da pré-temporada.

No dimensionamento, os novos carros da Fórmula 1 serão 10 cm mais estreitos e terão uma distância entre-eixos 20 cm menor. Na prática, isso significa máquinas ligeiramente menores e mais ágeis, principalmente em circuitos estreitos e repletos de curvas, como Mônaco.

Pistas onde as ultrapassagens eram difíceis por causa do tamanho exagerado dos carros, das edições anteriores,

tendem a se tornar mais favoráveis a disputas. Além disso, agora não apenas a asa traseira será móvel: as asas dianteiras também terão movimento, permitindo maiores velocidades nas retas e máxima pressão aerodinâmica nas curvas.

Nos motores, as mudanças são ainda mais profundas. O motor de combustão interna, antes um V6 1.6 turbo com cerca de 850 cv (cavalos de potência), ficará mais contido e passará a gerar aproximadamente 530 cv. A grande novidade é o combustível. Não será mais permitida a gasolina derivada do petróleo. O motor deverá funcionar com combustível sintético, criado em laboratório a partir de CO₂ capturado



Vettel já usou combustível sintético na McLaren MP4/8 que foi de Senna

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Combustível sustentável

A partir deste ano, os bólidos da F1 serão abastecidos com o que se chama de Combustível Sustentável Avançado. A organização assumiu o compromisso de se tornar Net Zero até 2030 e era preciso desenvolver medidas desde o uso de energia solar nas estruturas dos GPs até criar uma alternativa para o combustível fóssil. A F1 determinou a utilização nos motores de um composto produzido a partir de fontes de captura de carbono (retirada de CO₂ do ar ou de emissões industriais), resíduos urbanos e biomassa não alimentar. De acordo com os organizadores, nada nesse novo combustível deriva de petróleo bruto. Cada time investe em seu combustível, mais um segredo estratégico. Em linhas gerais, o produto é projetado para substituir equivalentes fósseis sem necessidade de ajustes no motor dos carros. A ideia é que eles funcionem em veículos de rua. Em seu projeto "Race without trace", o alemão Sebastian Vettel, tetracampeão e ativista ambiental, recorreu a um combustível sintético ao abastecer um Williams FW14B de Nigel Mansell, um McLaren MP4/8 de Ayrton Senna e seu próprio Red Bull RB9 — que adquiriu e adaptou —, em ações feitas entre 2023 e 2024.

Como diz o site da F1, "com uma nova geração de unidades de potência sendo introduzida em 2026, projetar combustível para ela já seria parte essencial da disputa técnica, mesmo sem a transição para fontes não fósseis. Optar pela rota sustentável torna isso um desafio extraordinário para os fabricantes de combustível e terá impacto na competitividade". Isso poderá ser conferido nas pistas, a partir do GP da Austrália.



MARK THOMPSON/GETTY IMAGES/RED BULL CONTENT POOL

Red Bull está com motor da Ford. Verstappen diz que descobertas vão ocorrer "ao longo do caminho"

da atmosfera ou de matéria orgânica em decomposição.

Esse novo sistema praticamente não emite CO₂. Para compensar a redução da potência térmica, o regulamento prevê um novo motor elétrico, agora com cerca de 480 cv. Somadas, as potências devem resultar em números semelhantes aos dos carros da Fórmula 1 do ano passado.

O objetivo desse novo conjunto é usar a F1 como laboratório para os motores de combustão do futuro, fazendo frente à expansão dos elétricos. Com um motor térmico que praticamente não polui o meio ambiente, a vida útil da combustão interna pode ser prolongada, enquanto toda a cadeia produtiva de combustíveis se adapta à produção do combustível sintético. Além disso, com o motor a combustão acionando um gerador para carregar as baterias, ele trabalha em altos giros praticamente o tempo todo, inclusive nas curvas, garantindo energia constante para o motor elétrico, responsável por quase 50% da potência total do carro.

Nem é preciso dizer que os carros de 2026 vão mudar radicalmente a pilotagem. Além de focar na estratégia da corrida, o piloto será obrigado a gerenciar essa nova traquitana tecnológica. A dificuldade será a mesma para todos, o que tende a equilibrar o nível entre equipes e pilotos. Pelo menos em teoria, o campeonato de 2026 começa com forças bastante niveladas.

Duas equipes estreantes também vão se posicionar no grid ao longo da

Confira o calendário de GPs em 2026

Grande Prêmio	Data
Austrália	8 de março
China	15 de março
Japão	29 de março
Bahrein	12 de abril
Arábia Saudita	19 de abril
Miami	3 de maio
Canadá	24 de maio
Mônaco	7 de junho
Espanha (Barcelona)	14 de junho
Áustria	28 de junho
Grã-Bretanha	5 de julho
Bélgica	19 de julho
Hungria	26 de julho
Países Baixos	23 de agosto
Itália	6 de setembro
Espanha (Madri)	13 de setembro
Azerbaijão	27 de setembro
Singapura	11 de outubro
Estados Unidos (Austin)	25 de outubro
México	1º de novembro
São Paulo	8 de novembro
Las Vegas	21 de novembro
Qatar	29 de novembro
Abu Dhabi	6 de dezembro



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

temporada, composta por 24 GPs. A antiga Sauber, do piloto brasileiro Gabriel Bortoleto, se transforma na poderosa Audi, que, assim como as rivais, parte praticamente do zero, com tecnologia própria totalmente nova. A outra nova-

ta é a equipe Cadillac, que estreia com dois carros e, inicialmente, utilizará unidades de potência da Ferrari. A Honda, que fornecia motores para a Red Bull, passa agora a equipar a Aston Martin. Já a Red Bull estreia uma nova unidade de

potência desenvolvida pela Ford, que retorna à Fórmula 1 após muitas décadas fora da categoria.

Vale lembrar que a montadora norte-americana, com o lendário motor Cosworth V8, praticamente dominou a F1 da segunda metade dos anos 1960 por toda a década de 1970.

“Estamos trabalhando com novas regras. Então, há muita atenção aos detalhes e muitas coisas que ainda precisamos dominar. É tudo muito complexo, e tenho certeza de que, mesmo no início da temporada, ainda haverá muitas coisas que vamos descobrir ao longo do caminho”, declarou Max Verstappen, sobre a nova Red Bull, após a segunda sessão de testes das escuderias na pré-temporada, no Bahrein.

Lewis Hamilton, da Ferrari, também destacou os aprendizados da pré-temporada. “Esta geração de carros é bastante complexa, e encontrar a janela ideal de funcionamento — especialmente em relação aos pneus — é fundamental. Fizemos algumas boas descobertas e também identificamos áreas em que podemos melhorar”, disse, em comunicado da escuderia.

Quem é quem na pista

Escuderia	País	Pilotos	Número
Ferrari	Itália	Charles Leclerc (Mônaco) Lewis Hamilton (Reino Unido)	16 44
Red Bull Racing	Áustria	Max Verstappen (Países Baixos) Isack Hadjar (França)	1 6
McLaren	Reino Unido	Lando Norris (Reino Unido) Oscar Piastri (Austrália)	4 81
Mercedes	Alemanha	Andrea Kimi Antonelli (Itália) George Russell (Reino Unido)	12 63
Aston Martin	Reino Unido	Fernando Alonso (Espanha) Lance Stroll (Canadá)	14 18
Audi	Alemanha	Gabriel Bortoleto (Brasil) Nico Hülkenberg (Alemanha)	5 27
Alpine	França	Pierre Gasly (França) Franco Colapinto (Argentina)	10 43
Williams	Reino Unido	Alexander Albon (Tailândia) Carlos Sainz (Espanha)	23 55
Haas	Estados Unidos	Esteban Ocon (França) Oliver Bearman (Reino Unido)	31 87
Racing Bulls	Áustria	Liam Lawson (Nova Zelândia) Arvid Lindblad (Reino Unido)	30 41
Cadillac	Estados Unidos	Sergio Pérez (México) Valtteri Bottas (Finlândia)	11 77

F1 na TV brasileira

Mesmo as transmissões televisivas vão mudar no Brasil. Até o ano passado, as corridas eram exibidas pela Band, com cobertura de treinos e provas. Agora, a transmissão ficará a cargo da TV Globo que retomou os direitos esportivos, após cinco anos sem o esporte em sua grade no canal aberto. Na emissora, serão 15 GPs transmitidos ao vivo. Os nove restantes (China, Bahrein, Arábia Saudita, Miami, Canadá, Hungria, EUA, México e Qatar) serão exibidos em compactos, com horário alternativo. Já o Sportv transmitirá, ao vivo, as 24 provas, assim como cada treino, sessão de classificação e corridas sprint. O conteúdo da Fórmula 1 também será exibido no Globoplay.

Tudo é novo na Fórmula 1 de 2026. Resta aguardar o dia 8 de março, quando, à 1h da manhã de sábado para domingo (no horário de Brasília), será dada a largada para o Grande Prêmio da Austrália. Será curioso observar o comportamento desses novos carros e a adaptação dos pilotos a tantas mudanças tecnológicas. **E**

Hora do brunch

São Paulo reúne casas que interpretam a refeição de forma criativa, combinando clássicos do café da manhã com pratos elaborados

André Ruoco

Entre encontros despretensiosos e mesas que convidam a ficar sem pressa, o brunch se consolidou como um dos rituais mais charmosos da cena gastronômica paulistana. A cidade reúne casas que interpretam essa refeição de forma criativa, combinando

clássicos do café da manhã com pratos elaborados, bons drinks e ambientes pensados para prolongar a conversa.

Confira lugares que transformam o brunch em uma experiência completa, ideal para quem valoriza sabor, conforto e tempo livre nos fins de semana.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Lanchonete da Cidade

Referência em sanduíches na capital paulista desde 2004, a Lanchonete da Cidade inicia uma nova fase com visual renovado e menu exclusivo de café da manhã e brunch. Servido na unidade de Higienópolis, o cardápio traz sanduíches quentes no pão brioche, pratos com ovos, opções com avocado e combos pensados para quem prefere uma refeição rápida ou um brunch completo, sem pressa.

Endereço: Avenida Higienópolis, 618, Shopping Pátio Higienópolis, Santa Cecília, São Paulo/SP

Funcionamento: segunda a sábado das 10h às 23h; domingo das 10h às 22h

Brunch: todos os dias no horário do café da manhã

Instagram: @lanchonetedacidade

Blue Note

Aos domingos, o Blue Note transforma o brunch em uma experiência que vai além da mesa ao unir gastronomia, música e o clima vibrante da Paulista. O brunch é servido à vontade, das 10h às 16h, com buffet que reúne estações de pratos quentes, saladas, panificação, doces e clássicos do café da manhã.

A experiência é embalada por apresentações de jazz ao vivo, que ocupam o palco interno e se estendem até a Varanda Blue, área externa com vista para a avenida. A circulação entre os ambientes é livre e há possibilidade de pedidos à la carte.

Endereço: Avenida Paulista, 2073, 2º andar, Conjunto Nacional, São Paulo/SP

Funcionamento: segunda das 12h às 15h30; terça a sexta das 12h às 1h30; sábado das 12h às 2h; domingo das 10h às 17h

Brunch: domingos das 10h às 16h

Instagram: @bluenotesp

Café Girondino

Clássico do centro histórico de São Paulo, o Café Girondino aposta em um brunch dominical de formato flexível, que combina buffet completo com a opção de pedidos à la carte. Servido das 8h às 14h, o buffet lembra o café da manhã de hotel, com pães artesanais, frios, frutas, bolos caseiros, sobremesas, geleias e bebidas quentes com reposição livre.

O público pode optar apenas pelo buffet ou escolher a versão estendida, que inclui pratos quentes preparados na cozinha, além de bebidas como cappuccino, mimosa e espumante.

Endereço: Rua Boa Vista, 365, Centro, São Paulo/SP

Funcionamento: segunda das 7h às 18h; terça a sábado das 7h às 20h; domingo das 8h às 16h

Brunch: domingos das 8h às 14h

Instagram: @cafegirondino



Estilo de vida



FOTOS DIVULGAÇÃO

Nouzin Café

Especialista em brunch, o Nouzin Café oferece pratos de café da manhã ao longo de todo o dia, de segunda a domingo. O menu contempla desde opções mais leves até combos completos. Entre os destaques estão os combos de brunch e o Brunch para Dois, ideal para compartilhar e prolongar a refeição.

Endereço: Rua Padre Carvalho, 204, Pinheiros, São Paulo/SP

Funcionamento: segunda a domingo das 8h às 19h

Brunch: diariamente durante todo o funcionamento

Instagram: @nouzincafe

Mediterrain Padaria Artesanal

Com inspiração nas palavras “me di terrain” do francês que significa “me diz terra”, somos uma padaria que resgata a tradição da panificação artesanal, com fermento natural o que torna cada produção única, a cada dia.

Com atmosfera de bistrô e localização na quadra gastronômica do Campo Belo, a Mediterrain Padaria Artesanal é especializada em pães de longa fermentação natural (Levain) e dispensa completamente o uso de ingredientes químicos e conservantes. O cardápio participativo (incluimos sugestões de clientes) é variado para café da manhã e brunch.

Endereço: Rua Gabriele D'Annunzio, 1263, São Paulo/SP

Funcionamento: terça a sexta-feira 7h30 às 20h / sábado 7h30 às 17h / domingo 7h30 às 15h

Brunch: disponível durante todo o funcionamento

Instagram: @mediterrainpadaria

Feliciano Pães

Instalada no Mercado de Pinheiros, a Feliciano Pães e Outras Histórias combina padaria e confeitaria com foco em pães de fermentação natural. Aos sábados, a casa oferece brunch com menu fechado que reúne pratos clássicos, bebida quente, suco e opção de adicionar espumante.

Endereço: Rua Pedro Cristi, 89, Mercado de Pinheiros, Pinheiros, São Paulo/SP

Funcionamento: segunda a sábado das 8h às 18h

Brunch: sábados das 9h30 às 18h

Instagram: @feliciano.paes

Tchocolath

A marca de chocolates artesanais também aposta no brunch em sua cafeteria própria. O menu reúne tostas, bebidas autorais à base de café e opções mais leves, mantendo o chocolate como fio condutor da experiência.

Endereço: Rua Antônio Afonso, 19, Vila Nova Conceição, São Paulo/SP

Funcionamento: segunda a sábado das 8h às 19h; domingo das 8h às 18h

Brunch: disponível durante todo o funcionamento

Instagram: @tchocolath



Expedito Bar

Referência no Campo Belo pela boa coquetelaria e pela gastronomia de brasa, o Expedito Bar também oferece um menu especial de brunch aos sábados. A seleção inclui toasts no pão levain, ovos, pães artesanais, doces e cafés especiais.

Endereço: Rua Ibituruna, 1540, Campo Belo, São Paulo/SP

Funcionamento: terça a quinta das 16h às 0h; sexta e sábado das 12h às 0h45; domingo das 12h às 21h

Brunch: sábados das 9h às 13h

Instagram: @expeditobar



Momonoki

Na Vila Madalena, a Momonoki propõe uma leitura contemporânea da cultura japonesa à mesa. O café ampliou o cardápio e passou a oferecer opções de café da manhã e brunch que transitam entre tradição e autoria, com destaque para os pães japoneses feitos na casa e os sandos.

Endereço: Rua Wisard, 264, Vila Madalena, São Paulo/SP

Funcionamento: terça a domingo das 9h às 18h

Brunch: disponível durante todo o funcionamento

Instagram: @momonoki.br

PikurruchA'S

Maior confeitaria da América Latina, a PikurruchA'S transforma o brunch em uma experiência afetiva e urbana. O menu reúne opções salgadas, doces icônicos da marca e uma carta variada de bebidas, permitindo que o brunch aconteça em qualquer hora do dia.

Endereço: Rua Diana, 695, Perdizes, São Paulo/SP

Endereço: Rua Francisco Marengo, 1481, Tatuapé, São Paulo/SP

Endereço: Avenida Kennedy, 700, Golden Square Shopping Center, Jardim do Mar, São Bernardo do Campo/SP

Funcionamento: consultar horários de cada unidade

Brunch: disponível durante todo o funcionamento

Instagram: @pikurruchas

Telefone: (11) 97752-7067

Inovação para vestir

Nike expõe modelo adaptável para temperatura nas Olimpíadas de Inverno; no Brasil, chegou uma linha de calçado com apelo de neurociência

Os atletas dos Jogos Olímpicos de Inverno Milão-Cortina são modelos que vão além da esportividade – e isso ficou claro desde a cerimônia de abertura, quando o Brasil chamou atenção com o uniforme da delegação criado pela grife italiana Moncler em colaboração com o designer Oskar Metsavaht. Mas o dia a dia das competições também desperta interesse nos consumidores devido às roupas das delegações. O time dos Estados Unidos foi um dos que captou os olhares por conta de uma jaqueta inflável, exibida quando um atleta sobe ao pódio com sua medalha. É a Air Milano, um modelo “therma-fit” da Nike. Ou seja, que se adequa à temperatura.

Há quase cinco décadas, a marca esportiva vem trabalhando com o ar, por assim dizer, com foco em performance para seus tênis. O primeiro modelo surgiu em 1978, como proposta de amortecimento para poupar os pés de corredores. Porém, o conceito se popularizou mesmo com o Air Jordan, parceria com o astro do basquete Michael Jordan, lançado em 1985. O sucesso do “ingrediente” fez a empresa mirar em novas oportunidades.

Em outubro passado, a Nike apresentou para o mundo a Air Milano Jacket, uma peça que chama de “a mais tecnicamente avançada” já criada pela empresa na área de vestuário de performance. Ela vem equipada com a tecnologia A.I.R. (de “Adapt. Inflate. Regulate”, ou “adapte, infle e regule”).

Na prática, quer dizer que a jaqueta infla e desinfla de forma rá-

pida (cerca de 20 segundos) conforme a necessidade de aquecimento e com ajuda de um pequeno ventilador dentro da roupa, alimentado por bateria, que “bomba” o ar. Basta pressionar um botão na frente da jaqueta. Com isso, a pessoa não precisa usar outra peça, dis-

pensando o efeito cebola (vestir-se com camadas de roupas).

Desinflada, a Air Milano Jacket é como um corta-vento. Se for totalmente inflada, deixa o usuário quente como se vestisse uma jaqueta puffer (a de gomos) de espessura média. Tudo isso pode ser feito durante um treino, quando a temperatura corporal sobe com a duração do exercício. Assim, nenhum atleta precisa tirar a jaqueta em meio à atividade.

O produto nasceu dos esforços dos pesquisadores do Nike Sport Research Lab (NSRL) e dos designers da companhia. Eles criaram uma jaqueta em que o ar é moldado no volume e no espaço. São duas camadas de tecido que permitem esse mecanismo. Os detalhes foram desenvolvidos com ferramentas digitais e design computacional para esculpir o ar de forma precisa, com base em dados e mapeamento corporal do laboratório.

A Air Milano foi aprimorada em mais de 380 horas de testes no Colorado, local onde os atletas dos Jogos de Inverno se prepararam. Eles usaram a jaqueta em situações distintas: correndo, esquiando, pedalando e praticando snowboard. “Projetada para oferecer aquecimento ajustável, esta jaqueta combina inovação com uma forma escultural que parece ganhar vida, redefinindo a experiência sensorial do vestuário esportivo,” declarou Drea Staub, di-



A Air Milano Jacket foi exibida nos Jogos Olímpicos na Itália



FOTOS DIVULGAÇÃO

Criação da área de Mind Sciences, o Nike Mind vem nas versões mule e tênis

retora de design de inovação em vestuário da Nike.

O modelo não está à venda, no momento. Por ora, é mais um exemplo da capacidade de inovar da marca. O uniforme, em que a jaqueta foi o grande chamariz, foi exibido em instalação montada pela Nike nos arredores das competições em Milão e Cortina d'Ampezzo.

Quatro “fits”

A jaqueta da equipe olímpica dos Estados Unidos faz parte de um sistema que a Nike adotou para impulsionar projetos de inovação, o FIT (de Functional Innovative Technologies, ou, em português, tecnologias funcionais inovadoras). A Air Milano está dentro da proposta de isolamento térmico. Daí, “therma-fit”. Outras soluções são “Aero-Fit” (para resfriamento), “Dri-Fit” (absorção de suor) e “Storm-Fit” (proteção contra intempéries).

No mesmo mês em que revelou a jaqueta “therma fit”, a Nike lançou uniformes de futebol “Aero-Fit”, com tecido e tecnologia que permitem uma maior absorção de suor e ventilação, o que ajuda a resfriar o corpo do jogador. A peça promete facilitar a vida de quem enfrenta temperaturas mais elevadas do que o habitual. Ao menos, é essa a ideia. A estreia da tecnologia será na Copa do Mundo 2026, com uniformes das seleções patrocinadas pela marca, como Brasil, França e Estados Unidos.

Segundo a empresa, a Aero-Fit foi projetada para movimentar mais ar entre a pele e o tecido, melhorando a eficiência da transpiração e mantendo os atletas secos e confortáveis. Os designers utilizaram mapas de calor e

dados sobre movimentação dos atletas para definir a estrutura dos fios à distribuição das zonas de ventilação.

Dentre os projetos de inovação da companhia, um já está disponível para o consumidor, inclusive o brasileiro. É uma linha de calçado desenvolvido com base em neurociência — é o que garante a Nike. A empresa explica que, após dez anos de pesquisas, criou dois modelos, o Mind 001 (mule) e Mind 002 (tênis), que contam com 22 cápsulas independentes de espuma na sola. Fixadas a um material flexível e resistente à água, elas funcionam como “pistões sensoriais”, reproduzindo a sensação e até a textura do solo sob os pés, que têm terminações nervosas que podem ser estimuladas para diversos fins, até o relaxamento. Com o emprego dessas cápsulas, os calçados, de acordo com

os designers, podem aprimorar a consciência corporal, reduzir distrações e aumentar a concentração.

Os modelos são as primeiras inovações da divisão Nike Mind Sciences Department, área do Nike Sport Research Lab dedicada a aprofundar o entendimento sobre a conexão entre corpo e mente. Os neurocientistas que fazem parte desse grupo estudam atividade cerebral, cognição e sistema nervoso de atletas em movimento, gerando insights para novas categorias de produtos e serviços voltados à preparação, treino, competição e recuperação.

Trevor Barss, pesquisador-chefe da Mind Sciences, conduziu os primeiros estudos em neurociência para a criação do Nike Mind. Neurocientista especializado em neurofisiologia, ele usou eletrocardiograma e outras exames para investigar como o feedback tátil altera os padrões de atividade cerebral. Para ele, os modelos de mule e tênis são apenas o início de um capítulo para a empresa. “Durante os primeiros 45 anos, a pesquisa da Nike concentrou-se no corpo do pescoço para baixo. Os próximos 45 incluirão o cérebro”, declarou em uma publicação da marca.

A linha mal desembarcou no Brasil e já acabou. Ela veio em quantidades limitadas e custavam entre R\$ 510 e R\$ 770. O surfista Ítalo Ferreira é dono de um par de Nike Mind no estilo mule. Não há previsão de novo lote. **E**

O modelo “Aero-Fit” tem tecnologia que permite maior absorção de suor e ventilação



O poder de Benito

Bad Bunny estreia no Brasil no ápice da carreira e com um discurso de integração capaz de conquistar os brasileiros em um momento de valorização da cultura latina

Lena Castellón

O artista mais ouvido no Spotify pelo mundo chega ao país depois de shows em Argentina



Benito Antonio Martínez Ocasio. A esta altura, o nome já se espalhou mundo afora, mas ainda há quem não saiba que ele se refere a Bad Bunny, o homem que é líder global no Spotify, que arrebatou o Grammy de Álbum do Ano, que promoveu a integração do continente americano com um show de apenas 13 minutos no Super Bowl 2026 e que provocou a ira do político mais poderoso do planeta, Donald Trump, presidente dos Estados Unidos. Esses últimos movimentos aconteceram somente neste mês, provocando uma onda de popularidade alimentada por música, empatia e “sazón”, a gíria em espanhol equivalente ao nosso “molho”.

Bad Bunny, o porto-riquenho mais famoso hoje no mundo – vide o alcance de seus seguidores nas redes sociais (54,3 milhões no Instagram, 52,2 milhões no YouTube e 41,1 milhões no TikTok) –, se apresenta pela primeira vez no Brasil nesta sexta-feira, 20, e sábado, 21, no Allianz Parque, em São Paulo, em duas noites que prometem ser retumbantes. É o que indica o momento da carreira do artista.

No primeiro dia do mês, ele se consagrou como o grande ganhador do Grammy, recebendo os troféus de Álbum do Ano, Melhor Álbum de Música Urbana, Melhor Performance de Música Global. Com o trabalho “Debí Tirar Más Fotos”, o sexto em sua carreira, ele se tornou o primeiro artista a vencer o prêmio mais cobiçado – o de Álbum do Ano – com uma produção inteiramente em espanhol.

Uma semana depois, mais uma conquista histórica. Bad Bunny foi o primeiro artista a fazer um show inteiro em castelhano no Super Bowl. No dia 8, no Levi’s Stadium, em Santa Clara (Califórnia), em um cenário caracterizado como Porto Rico e que remeteu à residência que fez na ilha, batizada de “No me quiero ir de aquí” e que contou com 30 shows, ele recebeu dois convidados, seu conterrâneo Ricky Martin e a estrela Lady Gaga, que cantou em inglês.

A parte final do espetáculo, quando o cantor declarou “God Save America” e, em seguida, listou a maior parte dos países que compõem o continente americano, do Chile ao Canadá, passando pelo Brasil, foi replicada por latinos de todos os cantos, inclusive os brasileiros, que estão descobrindo cada vez mais sua latinidade. Bad Bunny fechou seu espetáculo exibindo uma bola oval com as palavras “Juntos somos América” e saiu do gramado com um desfile de bandeiras e em um clima que lembrou Carnaval.

O recado por trás foi de integração da América, de esperança (“Só cheguei aqui por acreditar em mim”, disse em meio ao show) e de resistência. No Grammy, ele já havia defendido o fim do ICE, o serviço de imigração do go-

verno Trump que vem se notabilizando pela brutalidade. No Super Bowl, não fez qualquer menção desse tipo. O espetáculo falou por si.

Um vídeo de um jornalista da ESPN México, John Sutcliffe, mexicano e filho de uma norte-americana, viralizou porque ele se rendeu às lágrimas no encerramento do show. “A mensagem que Bad Bunny nos passou foi muito emocionante. Veio com amor, carinho e calor humano”.

Mesmo quem não é latino aderiu à moda. Na TV dos Estados Unidos e nas redes, norte-americanos surgiram imitando cenas do espetáculo. E, entre os canadenses, um meme se multiplicou com todos dizendo, em espanhol e com o sotaque de “Papi” – um dos apelidos de Benito –, de onde eram. Brasilei-

DANIEL COLE

Bad Bunny conquistou o prêmio de Álbum do Ano no Grammy



ros também foram “bad bunnyzados” e as cadeiras plásticas da capa do álbum “Debí Tirar Más Fotos” foram reproduzidas em posts, ganhando vez também no Carnaval de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. E é claro que o presidente dos Estados Unidos reprovou o show do intervalo, dizendo que não entendeu nada e criticando as músicas e as danças.

Os números do Super Bowl afixam a explosão do fenômeno. A audiência do show do intervalo alcançou, só nos Estados Unidos, média de 128,2 milhões de espectadores, segundo relatório da Nielsen. É a segunda maior na história do evento (o primeiro lugar ficou com o rapper Kendrick Lamar no ano passado).

Nas redes sociais, o total de visualizações do show de Benito, nas primeiras 24 horas, chegou a 4 bilhões (soma dos perfis da NFL, de parceiros da liga de futebol americano e de influenciadores), de acordo com dados da Ripple Analytics. É um aumento de 137% na comparação com 2020. Além disso, mais de 55% das visualizações foram de mercados internacionais.

Com o espetáculo, o astro porto-riquenho conseguiu superar a média da audiência da partida em si: 124,9 milhões de pessoas. Memes nas redes sociais já davam a entender que ele atraiu mais atenção do que o confronto entre o New England Patriots e Seattle Seahawks (que venceu o jogo e levou o título), com perguntas sobre quem, afinal, estava jogando no show de Bad Bunny.

Campeão do Spotify

O efeito do Super Bowl também se estendeu ao Spotify. Artista mais escutado na plataforma também em 2020, 2021 e 2022, Benito atraiu mais ouvintes para suas músicas no dia seguinte ao jogo. O catálogo teve um aumento de 210% nas reproduções globais, com múltiplas faixas do setlist apresentando picos exponenciais de consumo. As duas canções com maior aumento de streamings no mundo, em análise depois do show do intervalo, foram “Yo Perreo Sola”, que liderou o crescimento com +1.255%, e “El Apagón”, com salto de +780%.

Mesmo antes da partida decisiva, a expectativa em torno da apresentação

ines249

JEENAH MOON/REUTERS



O cenário do show do intervalo do Super Bowl faz referência a Porto Rico

O empacotador de supermercado que virou o artista mais ouvido do mundo

Letícia Sena

Nascido em 10 de março de 1994, na cidade de Vega Baja, Benito Antonio Martínez Ocasio cresceu em um contexto simples. Desde pequeno, demonstrou sensibilidade, intensidade emocional e inquietação criativa. A trajetória que o levou até o Super Bowl LX, neste ano, é marcada por decisões estratégicas. Uma das mais significativas foi manter o espanhol como principal idioma de suas canções. Essa escolha não apenas impulsionou sua carreira, como também impactou o modo como a música latina passou a ser consumida globalmente.

Bad Bunny conquistou o público global sem abandonar o sotaque, a cultura e suas raízes. Seu sucesso quebrou um padrão histórico da indústria, que, por décadas, incentivou artistas latinos a migrar para o inglês em busca de reconhecimento internacional.

Ao seguir o caminho oposto, ele mostrou que canções em espanhol também podem liderar rankings globais. Essa mudança reposicionou a música latina no cenário mundial e ampliou o espaço do gênero nas principais plataformas. Benito acumula sucessos como “Tití Me Preguntó”, “Dakiti”, “Moscow Mule” e “Yonaguni”. A faixa “I Like It”, parceria com Cardi B e J Balvin, chegou ao topo da Billboard. Com “Debí Tirar Más Fotos”, novos hits conquistaram o mundo, como a canção-título e “Nueva Yol”.

É uma trajetória impressionante para um garoto de família de classe média baixa. Seu pai trabalhava como caminhoneiro e sua mãe era professora de inglês. Benito cresceu ao lado dos irmãos mais novos, Bernie e Bysael, em uma casa onde a música sempre esteve presente. Por volta dos 13 anos, começou a produzir suas próprias batidas. Improvisava rimas na escola e gravava no quarto.

Benito ingressou no curso de comunicação audiovisual da Universidade de Porto Rico. Para custear os estudos, trabalhou como empacotador em um supermercado, conciliando rotina acadêmica, emprego e música. Foi nessa fase que começou a publicar suas faixas no SoundCloud. Em 2016, a música “Diles” chamou a atenção de produtores e abriu portas na indústria, enquanto ele ainda trabalhava na caixa.

Após conhecer o empresário Noah Assad, seu caminho profissional ganhou nova direção. Em vez de focar em contratos tradicionais com gravadoras, a aposta passou a ser lançamentos de singles e forte presença no YouTube.

O nome artístico Bad Bunny foi inspirado em uma foto de infância em que aparecia fantasiado de coelho, com expressão irritada. A imagem acabou se transformando em identidade visual e marca registrada.

Turismo impulsionado

A ascensão de Bad Bunny deu projeção ao turismo de Porto Rico. O artista é um defensor das tradições culturais da ilha e, além de cantar em espanhol, faz questão de destacar a beleza de sua terra natal e a alegria da população local. E isso ajuda a movimentar a economia local.

Um estudo da Universidade de Porto Rico avaliou o impacto da residência artística de Bad Bunny em Porto Rico, que promoveu 300 shows no território, vendendo mais de 400 mil ingressos. De acordo com esse trabalho, a iniciativa gerou um mínimo de US\$ 176,6 milhões, principalmente por meio de salários e impostos recolhidos. A Discover Puerto Rico, por sua vez, calculou que a residência gerou aproximadamente US\$ 200 milhões com o turismo, dinheiro vindo de hospedagem, transporte e alimentação.

Uma plataforma especializada na venda de passeios e atividades turísticas, a Civitatis, informou que as reservas para o destino cresceram 234% no ano passado em comparação com 2024.

agitou o Spotify. De acordo com a plataforma, o consumo de música em espanhol nos Estados Unidos cresceu 6% entre janeiro de 2025 e janeiro de 2026.

E no Brasil? Após a apresentação no intervalo, as reproduções de Bad Bunny tiveram alta de 426%, em comparação com a semana anterior. Do novo álbum, as canções “DtMF” (“Debí Tirar Más Fotos”), “Nueva Yol” e “Baille Inolvidable” tiveram crescimento de 599%, 569% e 510%, respectivamente.

Latinidade crescente no país

É importante observar que Benito e outras artistas da atual geração vem rompendo uma resistência do mercado brasileiro. O público daqui tem uma oferta vasta de opções nacionais na música para consumir. São eles que ocupam as principais paradas musicais. Artistas que cantavam em espanhol não tinham tanta aderência assim no país, em comparação ao sucesso obtido no restante da América Latina. Entre as exceções estão o grupo Menudo, uma boy band de Porto Rico, de onde surgiu Ricky Martin, e a colombiana Shakira,



Porto Rico, terra de Bad Bunny, recebeu 30 shows do artista no ano passado

cujo sucesso escalou globalmente com hits também em inglês. Nos anos mais recentes, porém, o espaço para as estrelas da música latina está se ampliando.

A prova está, mais uma vez, no Spotify. Entre 2022 e 2025, houve um aumento de 170% no número de streams das músicas de Bad Bunny no Brasil. Por sinal, dentre as nações que não falam espanhol, somos a terceira que mais ouve o porto-riquenho na plataforma, atrás dos Estados Unidos e da Itália, e à frente de França e Alemanha.

De acordo com o Spotify, a maior parte (73%) da audiência de Benito no país é composta por ouvintes de 18 a 34 anos, faixa que concentra a Geração Z e jovens millennials.

Por tudo isso, a plataforma decidiu organizar uma experiência gratuita pa-

ra os fãs do artista batizada “De Puerto Rico Pa’L Mundo”, nos dias do show (20 e 21), em Pinheiros. A ação visa reforçar a conexão com o público brasileiro. Os ingressos já estão esgotados.

Para quem quiser se vestir à moda de Bad Bunny, a Adidas disponibilizou para os brasileiros o modelo de tênis usado pelo artista no Super Bowl. O BadBo 1.0 na cor branca, seu primeiro projeto com a marca, traz uma mensagem na campanha de lançamento, “I’m Everything” (“Eu sou tudo”), que convida o público a não se limitar. A parte superior do tênis é em nobuck e camurça e vem com solado de borracha translúcida. No centro do BadBo 1.0 está o novo logo da parceria: uma estrela inspirada no símbolo visto na bandeira de Porto Rico. **E**

DIVULGAÇÃO

A Adidas lançou modelo criado em parceria com Benito, o BadBo 1.0



Filmes e séries

De volta ao cinema

Daniel Day-Lewis anunciou a aposentadoria em 2017. Mas ele volta às telas em drama dirigido pelo filho Ronan Day-Lewis

FOTOS DIVULGAÇÃO



Em cartaz no cinema

"Anêmona"

Ray Stoker (Daniel Day-Lewis), ex-militar britânico, vive isolado na floresta após romper laços com a família. Seu irmão Jem o procura para a reaproximação, reabrindo conflitos do passado. O filme marca a volta de Day-Lewis ao cinema e inaugura a parceria com o filho Ronan Day-Lewis, que dirige o longa.



"Isso Ainda Está De Pé?"

Alex (Will Arnett) e Tess (Laura Dern) decidem por um divórcio amigável e passam a reorganizar a rotina da família. Ao mesmo tempo, enfrentam mudanças pessoais. Alex tenta se firmar no stand-up e Tess revisita escolhas feitas ao longo da vida.



"O Frio Da Morte"

Barb (Emma Thompson), viúva e comerciante, viaja para um lago para espalhar as cinzas do marido. Após se perder em uma nevasca, ela busca abrigo em uma cabana isolada e descobre uma mulher mantida em cativeiro por um casal armado.



"The Moment"

Este falso documentário (mockumentary) acompanha uma estrela pop em ascensão, Charli XCX, às vésperas de uma turnê. O filme traz imagens reais e cenas ficcionais, abordando a pressão da indústria musical sobre artistas. Com Alexander Skarsgard, Rosanna Arquette e Kylie Jenner.

Destaques do streaming

"Pesadelo Na Cozinha"

A quinta temporada do reality estrelado por Erick Jacquin, na grade no dia 20, acompanha o chef orientando restaurantes em quatro estados. Os proprietários enfrentam revisões de processos, treinamento de equipe e reestruturação financeira. **HBO Max.**



"A Última Coisa Que Ele Me Falou"

Com estreia no dia 20, a segunda temporada da série com Jennifer Garner retoma a história de Hannah e de sua enteada Bailey. Owen (Nikolaj Coster-Waldau) reaparece após um período foragido, alterando a dinâmica entre as duas. **Apple TV+.**



"The CEO Club"

O documentário, que estreia no dia 23, acompanha executivas como Serena Williams e Thalia em decisões estratégicas de suas empresas. A produção registra bastidores de negócios, mentorias e dilemas da liderança feminina. **Prime Video.**



"Paradise"

A segunda temporada, com estreia no dia 23, mostra Xavier (Sterling K. Brown) deixando o bunker onde vivia para explorar o ambiente externo. A narrativa amplia o cenário pós-apocalíptico e introduz conflitos com grupos que ocupam a superfície. **Disney+.**



SAEED ADANI

REDES CINEBUZZ

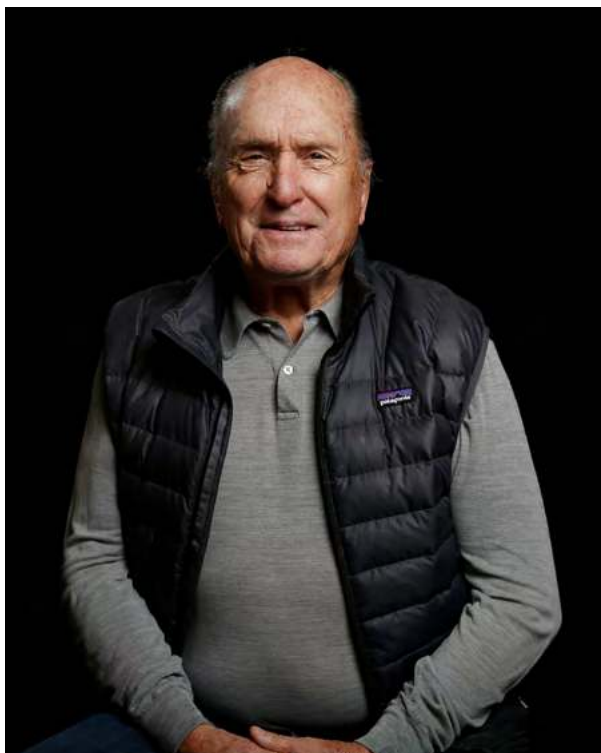
Um dos grandes do cinema

Ganhador de um Oscar de Melhor Ator e indicado sete vezes pela Academia, Robert Duvall, marcado por filmes como “O Poderoso Chefão” e “Apocalypse Now”, morre aos 95 anos

O cinema perdeu um de seus atores mais prolíficos. Robert Duvall atravessou seis décadas de profissão com personagens marcantes e que se tornaram ícones das grandes telas. Dono de uma filmografia que se aproxima de cem títulos, ele se destacou como protagonista e também foi capaz de brilhar em cena apenas com o silêncio e a força do olhar. O ator morreu na segunda-feira, 16, aos 95 anos, “em paz”, como descreveu sua esposa, Luciana Duvall, em nota.

Vencedor do Oscar de Melhor Ator por “A Força do Carinho”, em 1983, recebeu ao todo sete indicações da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, a responsável pela premiação mais famosa do cinema. No longa dirigido por James L. Brooks, ele interpretou um cantor country alcoólatra em decadência. O papel demonstra uma de suas especialidades: homens orgulhosos, falhos, atravessados por contradições. Em sua carreira, alternou figuras de autoridade — como o tenente-coronel Bull Meechum em “O Grande Santini” e o protagonista de “Stalin” — com personagens fragilizados, como o pregador atormentado de “O Apóstolo”, que escreveu e dirigiu.

Para o público, dois papéis se tornaram definitivos e se referem a dois longas que se tornaram importantes referências cinematográficas: “O Poderoso Chefão” e “Apocalypse Now”, dois longas dirigidos por Francis Ford Coppola. No primeiro, viveu Tom Hagen, o “consigliere” da família Corleone. Sua atuação contida, racional, fez do perso-



LUCY NICHOLSON/REUTERS

Duvall interpretou Tom Hagen, o conselheiro de Don Corleone, um de seus papéis mais icônicos

nagem um contraponto à impulsividade dos mafiosos. A interpretação lhe rendeu indicação ao Oscar de ator coadjuvante. Duvall atuou na continuação e não aceitou participar do terceiro filme por questionar o cachê.

Já em “Apocalypse Now”, criou o tenente-coronel Bill Kilgore, oficial obcecado pela guerra que, em meio a um bombardeio, eternizou a frase: “Adoro o cheiro de napalm pela manhã”. Com poucos minutos em cena, construiu uma das imagens mais icônicas do cinema sobre o Vietnã.

Filho de um almirante da Marinha e de uma atriz amadora, cresceu em Annapolis, Maryland. Serviu ao Exército antes de se dedicar à atuação e, em No-

va York, dividiu apartamento com Dustin Hoffman, um de seus grandes amigos, junto com Gene Hackman e James Caan (com quem trabalharia em “O Poderoso Chefão”).

Sua estreia no cinema, aos 31 anos, foi como o recluso Boo Radley em “O Sol é para Todos”. No filme protagonizado por Gregory Peck, ele é um jovem adulto que desperta medo em duas crianças pela aura de mistério que cerca sua casa. No final, Duvall, sem falar uma única palavra, transmite a essência do personagem.

O universo do western também foi importante para Duvall. Contracenou com John Wayne em “Bravura Indômita”, venceu um Emmy por “Rastro Perdido” e foi indicado ao prêmio da TV novamente por “Os Pistoleiros do Oeste”, minissérie na qual interpretou Gus McRae, personagem que dizia ser um de seus favoritos.

Fora dos sets, mantinha uma relação profunda com a Argentina e o tango. Escreveu, dirigiu e protagonizou “O Assassino: Um Tango”, filmado em Buenos Aires, onde conheceu sua quarta esposa, Luciana. O ator dividia seu tempo entre Los Angeles, a Argentina e uma fazenda de 146 hectares na Virgínia, em que transformou o celeiro em um salão de dança de tango.

“Em cada um de seus muitos papéis, Bob entregou tudo aos seus personagens e à verdade do espírito humano que eles representavam”, escreveu Luciana Duvall. A definição resume uma carreira com impacto que se estende por gerações e que obteve reconhecimento internacional. **E**

O pupilo de Martin Luther King

Reverendo Jesse Jackson foi defensor dos direitos civis nos EUA e tentou duas vezes ser candidato à presidência



REUTERS

Jesse Jackson deu visibilidade a pautas raciais e sociais

O reverendo Jesse Jackson, um dos mais influentes líderes do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, morreu na terça-feira, 17, aos 84 anos. Pastor batista e orador de forte presença pública, ele foi aliado de Martin Luther King nos anos 1960 e testemunhou o assassinato do líder, em 1968. Ao longo de décadas, tornou-se um dos principais herdeiros políticos de King, ampliando o espaço de representação dos

afro-americanos na vida pública americana.

Nascido em Greenville, na Carolina do Sul, Jackson se destacou ainda jovem como atleta, mas foi na universidade que mergulhou no movimento pelos direitos civis. Participou da famosa marcha de Selma a Montgomery, em 1965, e trabalhou diretamente contra a segregação racial. Em 1971, fundou a Operation Push Coalition, organização voltada à inclusão econômica e ao registro de eleitores.

Jackson investiu na mobilização política como estratégia para ampliar representação institucional. Defendeu maior presença de afro-americanos em cargos públicos, no Judiciário e na administração federal, além de pressionar empresas por diversidade em contratações e contratos. Concorreu duas vezes à indicação presidencial pelo Partido Democrata, nas décadas de 1980, dando visibilidade nacional a pautas raciais e sociais. Também atuou internacionalmente contra o apartheid na África do Sul.

Diagnosticado com Parkinson em 2017, morreu em casa, cercado pela família. Mesmo com a saúde debilitada, seguiu ativo até os últimos anos, participando de protestos contra o racismo e defendendo reformas políticas e sociais. **E**

Um mestre da democracia

O cientista político José Álvaro Moisés, professor da USP e um dos fundadores do PT, morre aos 81 anos

O cientista político José Álvaro Moisés, professor aposentado de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e uma referência em estudos sobre a democracia, morreu aos 81 anos na sexta-feira, 13, vítima de afogamento na praia de Itamambuca, em Ubatuba, no litoral norte de São Paulo.

Autor de obras como “Crises da Democracia: o Papel do Congresso, dos deputados e dos partidos”, “A desconfiança política e os seus impactos na qualidade da democracia” e “Democracia e desconfiança. Por que os cidadãos desconfiam das Instituições públicas”, Moisés foi um dos fundadores do PT, em 1980. Ficou dez anos no partido, onde chegou a ser secretário. Deixou a legenda em 1990 e, posteriormente, tornou-se crítico dos governos do PT.

Natural de Campinas (SP), Moisés se formou em 1970 nas primeiras turmas do curso de Ciências Sociais da USP. Realizou seu mestrado em Política e Governo pela Universidade de Essex (1972), obtendo seu doutorado em Ciência Política pela USP (1978).

Moisés fundou o Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas da USP e foi o primeiro coordenador do curso de Gestão de Políticas Públicas na EACH/USP. Coordenava o Grupo de Pesquisa da Qualidade da Democracia.

De acordo com o Grupamento de Bombeiros Marítimo (GBMar) de Ubatuba, Moisés foi encontrado inconsciente na faixa de areia. As equipes de resgate chegaram a tentar manobras de reanimação, ainda na praia, mas não obtiveram sucesso. **E**



ROBERTO NAVARRO/ALESP

Moisés é uma referência em estudos sobre a democracia

Carnaval e Jogos Olímpicos de Inverno

As redes repercutiram com o Ouro do esquiador alpino Lucas Pinheiro e com o Carnaval do Rio, com destaque para Virgínia Fonseca

"Pavão do esqui", diz jornal da Noruega

O Ouro de Lucas Pinheiro Braathen nas Olimpíadas de Inverno na Itália gerou na Noruega o debate sobre a saída precoce de um de seus talentos mais competitivos. Lucas disputou os Jogos de Pequim 2022 representando o país. Quatro anos depois, subiu ao topo do pódio sob a bandeira verde-e-amarela. Um jornal norueguês chegou a se referir ao brasileiro como "pavão do esqui, mas atleta dedicado".



"Pavão do esqui, mas atleta dedicado", diz jornal da Noruega sobre Lucas Braathen

1,1 mi 11,5 mil

Mineiro preso pelo ICE volta para o Brasil

Matheus Silveira, de 30 anos, desembarcou em Belo Horizonte na quinta-feira, 12, após passar cerca de dois meses detido nos Estados Unidos. O brasileiro foi preso em novembro de 2025 por agentes de imigração que alegaram que ele permaneceu no país com o visto vencido.



Brasileiro preso pelo ICE há dois meses chega ao Brasil; confira o que se sabe sobre a detenção

793 mil 8,1 mil

Virginia e a polêmica sobre ser a "mulher mais relevante"

Rainha de bateria da Grande Rio, Virginia Fonseca comentou a polêmica em torno de uma frase de Gabriel David, presidente da Liga das Escolas de Samba do Rio, que sugeriu que ela seja "a mulher mais relevante midiaticamente do Brasil". A declaração repercutiu embalada pela comparação com a pesquisadora Tatiana Coelho de Sampaio, da UFRJ, reconhecida por seu trabalho que recupera a medula espinhal em pessoas que perderam movimentos por causa de lesões medulares. Para Virginia, a fala foi tirada de contexto e ressaltou que não se considera a mulher mais influente "nessa pauta", elogiando Tatiana.



Anielle desiste de participar de desfile que homenageará Lula no Rio

205 mil 1,4 mil

Anielle desiste de participar de desfile no Rio

A ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, desistiu de participar do desfile em homenagem ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na Sapucaí. A escola Acadêmicos de Niterói levou um samba-enredo sobre a trajetória do petista. A desistência foi informada dois dias antes da apresentação. A agremiação foi rebaixada.



580 mil 9,4 mil

Lesão retirada por Lula e o temor de câncer de pele

O presidente Lula passou por procedimento simples para remover uma queratose actínica, lesão de pele causada principalmente pela exposição crônica ao sol. Ela costuma aparecer como uma área áspera, avermelhada ou acastanhada, que pode dar a sensação de "lixa" ao toque. Embora muitas permaneçam estáveis, uma pequena parcela pode evoluir para câncer. A remoção é rápida, geralmente feita em consultório.



136 mil 643 mil

www.istoe.com.br

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe

Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/

LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe

YouTube: youtube.com/@revistaISTOE

X: x.com/istoe

Facebook: www.facebook.com/istoedinheiro

Palavra por palavra

ines249



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

"Não estou falando de mim. Estou tendo essa responsabilidade de representar as mulheres do Carnaval, e espero que isso seja uma abertura de portas"

Laisa Lima, 26 anos, primeira mestra de bateria de uma escola de samba, após o desfile da Arranco do Engenho de Dentro, agremiação da Série Ouro do Carnaval do Rio



ALAIN ROBERT/ISIPA

"Ninguém jamais saberia o que eles fizeram comigo... Agora, o mundo olha para eles e se pergunta como identificar estupradores entre seus vizinhos"

Gisèle Pelicot, 73 anos, no livro "Um Hino à Vida", em que reconstituiu o horror vivido em sua casa, onde foi drogada e estuprada por 51 homens (incluindo o então marido) ao longo de uma década

"Há uma espécie de espetáculo circense nas redes sociais e na televisão, e a verdade é que não parece haver qualquer tipo de vergonha a esse respeito entre pessoas que antes sentiam que era preciso ter certo decoro e senso de correção e respeito pelo cargo, não é? Isso se perdeu"

Barack Obama, ex-presidente dos Estados Unidos, ao comentar o vídeo publicado (e depois apagado) no perfil de Donald Trump em sua rede social; o rosto dele e o de Michelle Obama são colocados sobre os corpos de macacos

ANGELINA KATSIANIS/AP



"Precisamos ficar fora da política porque, se fizermos filmes deliberadamente políticos, entramos no campo da política. Mas somos o contraponto da política, somos o oposto da política. Precisamos fazer o trabalho das pessoas, não o dos políticos"

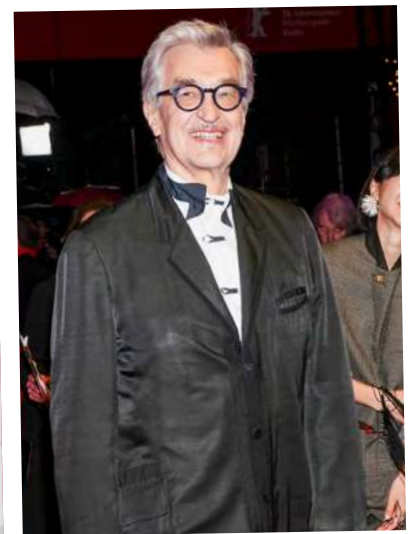
Wim Wenders, cineasta e presidente do júri do Festival de Berlim 2026, em conferência de imprensa, quando os jurados foram questionados sobre o conflito em Gaza e o apoio do governo alemão a Israel

EVAN AGOSTINI/AP



"Acredito que programar filmes nos cinemas é cada vez mais um ato político. O cinema é uma manifestação da própria memória. Lembrar é também um ato político"

Kleber Mendonça Filho, cineasta, ao receber o prêmio de Melhor Filme Internacional no Spirit Awards por "O Agente Secreto"



SCOTT A. GARRITT/AP

ines249

Paixão sobre rodas.



MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

